

PORTVGALIAE  
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ORAÇÕES  
DE SAPIÊNCIA

1548-1555



HILÁRIO MOREIRA

ORAÇÃO  
SOBRE O ESTUDO E LOUVOR  
DE TODAS AS PARTES  
DA FILOSOFIA

1 de Outubro de 1552

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

ALBINO DE ALMEIDA MATOS

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

### I - O problema biográfico

Ao pretendermos traçar, à guisa de preâmbulo ao estudo desta oração de sapiência, um quadro biográfico do seu autor, encontrámo-nos em tais apuros por falta de elementos, que, por mais de uma vez, pensámos em desistir da tarefa começada.

É na realidade bem pouco o que acerca de Hilário Moreira conseguimos averiguar.

Fora de discussão o seu nascimento em Coimbra – afirma-o na própria oração – e os graus académicos obtidos na Universidade.

Que ali tenha sido professor de Filosofia, como afirma Barbosa Machado<sup>1</sup> é para nós muito duvidoso, depois de termos percorrido vários livros de *Actos e Graus* e de *Conselhos* da Universidade, nos anos que se seguiram ao seu doutoramento, sem encontrarmos uma única referência ao seu nome. Deve tratar-se duma pura suposição do autor da *Monarquia Lusitana*, que também lhe chama – e aqui com mais seguro fundamento – «notável orador latino».

Terá entendido Barbosa Machado que uma oração de sapiência, com a solenidade que tal acto devia exigir, só aos professores universitários estava reservada. E como a oração era o louvor de todas as disciplinas da filosofia, daí a ilação.

Mas o facto torna-se mais claro, se confrontarmos as suas palavras com o que diz Nicolau António<sup>2</sup> – decerto a fonte de Barbosa Machado –, que lhe chama apenas *Lusitanus, Conimbricensis*, sem nada mais acrescentar.

Em Maio de 1549 os mestres Diogo Contreiras do Colégio das Artes, Doutor António Vaz do Colégio da Graça e António do Souto do Colégio de S. Jerónimo propunham a exame de licenciatura um grupo de 14 alunos, no número dos quais

---

<sup>1</sup> Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, tomo II, Coimbra, Atlântida Editora, <sup>2</sup>1966. Tais são as suas palavras: «Hilário Moreira, natural da cidade de Coimbra, em cuja Universidade foi insigne professor de Filosofia e não menor orador latino como o manifesta a obra seguinte.» (Vem a seguir o título da oração).

<sup>2</sup> Nicolau António, *Bibliotheca Hispana Nova*, Madrid, 1788. Referem-se-lhe ainda Martinho Lipénio, *Bibliotheca regalis philosophica*, Frankfurt, 1682, e Pedro de Mariz, *Diálogos de Vária História*, Lisboa, 1758.

se contava Hilário Moreira. Estuda-se a melhor «maneira em que precederiam, para depois terem seus assentos e tomarem seus lugares de magistério». Hilário Moreira ficava em duodécimo lugar.

A 23 do mesmo mês era aprovado, como aliás todos os outros, *nemine discrepante*, e, em 19 de Junho do mesmo ano, o Mestre Diogo de Contreiras, na presença do Reitor, frei Diogo de Murça, e do Vice-cancelário, doutor Afonso do Prado, dava-lhe o grau de Mestre em Artes, impondo-lhe as respectivas insígnias.

Logo nesse ano começava a estudar teologia e, quatro anos depois, iniciava a corrida aos vários graus: bacharel corrente, ou primeira tentativa em 31/12/1553, segunda tentativa em 19/7/1554, primeiro princípio em 22/11/1554, segundo princípio em 29/1/1555, terceiro princípio ou bacharelato em 17/5/1555, quarto princípio em 20/7/1555, magna ordinária em 10/10/1555, parva ordinária em 13/2/1556, agustiniana em 9/7/1557, exame privado em 28/7/1558, licenciatura em 2/10/1558, doutoramento em 16/10/1558.

A licenciatura teve lugar na casa do capítulo do mosteiro de Santa Cruz, tendo-lhe sido conferido o grau pelo prior, D. João, na presença do padre João Pinheiro, do padre D. Teotónio e do padre D. Pedro e «outros muitos».

Dissertou, no exame privado que a precedeu, sobre a diferença entre os sacramentos da Antiga e Nova Lei, e ainda sobre o problema das virtudes teológicas em relação com a visão beatífica. Serviram de texto dois parágrafos do *Epitome in quattuor libros sententiarum* de Pedro Lombardo, que a seguir transcrevemos:

Do livro IV, distinção I, 3

«Iam uidere restat differentiam sacramentorum ueterum et nouorum: ut sacramenta uocemus quae antiquitus res sacras signabant, ut sacrificia, oblationes et huiusmodi. Horum autem differentiam breuiter Aug. assignat, dicens quia illa promittebant tantum et significabant; haec autem dant salutem».

Do livro III, distinção III, 2

«Aduertendum etiam quomodo fides, spes et scientia dicuntur euacuari quia ex parte sunt, et non caritas quum et ipsa ex parte sit. Ex parte enim, id est, imperfecte, diligimus, sicut ex parte scimus, ut ait Aesichius sup. Leuit. Curo ergo nunc quod ex parte est euacuetur, cur caritas excipitur, quae dicitur nunquam excidere?»

Caritas etiam ex parte est, ut saepe sancti docent, quia ex parte nunc diligimus et ideo ipsa euacuabitur in quantum ex parte est, quia tolletur imperfectio et addetur perfectio; remanebitque ipsa aucta et actus eius et modus diligendi, ut diligas Deum propter se toto corde et proximum tuum sicut teipsum; sed eliminabitur imperfectionis modus.

Fides et spes penitus euacuabuntur; scientia uero secundum actum et modum suum qui nunc est, non secundum sui essentiam, tolletur. Ipsa enim uirtus scientiae remanebit, sed aliud tenebit usum et modum».

Do doutoramento – a cúpula do edifício – vamos fazer uma transcrição completa. Diz assim a acta:

«Aos dezasseis dias do mes de Outubro de 1558 anos na cidade de Coimbra e mosteiro de Santa Cruz, sendo hi presentes o Sõr Dom Jorge dalmeida R.tor e o R.<sup>do</sup> padre dom João, vigario do dito mosteiro e cancellario da universidade e junta toda a universidade e outra muyta gente da cidade, ho dito cancellario deu o grau de doutor em theologia ao l.<sup>do</sup> Illario Moreira e o padre frei J. pinhr.<sup>o</sup>, padrinho, lhe pos as insignias doutoraes por comissã do dito cancellario e foram test.<sup>as</sup> o doutor marco romeiro e o doutor morgovejo e o doutor heitor roiz, o que foi feito às 10 horas de pella minhã e eu escrivão lhe dei juram.<sup>to</sup> cõforme aos estatutos. Paulo de Barros este escrevi em ausencia de dy<sup>o</sup> de az.<sup>do</sup>».

#### ASSINATURA DE HILÁRIO MOREIRA

Que rumo tenha seguido, daqui por diante, a sua vida, qual tenha sido a sua actividade, são problemas a que não sabemos responder como desejávamos. Nas longas e porfiadas investigações a que procedemos em Coimbra, Évora, Porto e Lisboa, nada encontrámos que nos pudesse servir de arrimo seguro, embora nos não poupássemos a esforços, procurando esquadrinhar em todas as direcções.

Houve, no entanto, algo que nos chamou a atenção e aqui vamos pôr em destaque. Em Santa Cruz de Coimbra, por esta época, aparece um religioso com o mesmo nome – o «Praesbiter canonicus D. Hilarius». Tomou o hábito de Santo Agostinho em 21 de Dezembro de 1530 e veio a falecer em 26 de Maio de 1589<sup>3</sup>. Será este o Hilário Moreira?

Antes mesmo de proceder a qualquer investigação, reparámos num pormenor insólito no texto da própria oração de sapiência: a alusão ao cancelário da Universidade, que, como é sabido, era o Prior de Santa Cruz, à sua dependência dele e aos termos fortes com que a traduz, o que nos leva a concluir de antemão tratar-se, pelo menos, de um aluno ou familiar do Mosteiro.

Nem é de pôr a ideia de que se trate de um exagero poético, já que, na mesma linha, e reforçando a ideia de submissão, vai o que se segue: «Equidem tanti magistri iussa, licet difficillima, mihi sereno uultu non suscipere ueritus sum, *qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae uinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis*» (p. 4 do original; cfr. p. 202 deste volume).

O presente *eximit* diz-nos que, nesta data – Outubro de 1552 – Hilário Moreira, já mestre em artes, com o curso tirado no respectivo Colégio, dependia do prior de Santa Cruz. Não será isto sintomático, tanto mais que nas outras orações de sapiência do tempo não há uma única alusão ao cancelário?

<sup>3</sup> *Necrológico dos Frades de Santa Cruz de Coimbra*. Maço 71 de Santa Cruz, Torre do Tombo.

Em suma, não estamos convencidos de que a expressão *tanti magistri iussa licet difficillima* tenha aqui o mesmo sentido que teria se fosse aplicada, por exemplo, aos mestres de teologia do tempo, doutor Afonso do Prado e frei Martinho de Ledesma.

Na nossa opinião deve traduzir sobretudo uma acentuada autoridade moral, o que é confirmado pelas *bonis artibus piisque disciplinis* e que nós traduzimos por «ensinamentos e formação piedosa». Magistério formativo, que engloba simultaneamente os aspectos intelectual e moral.

E a gratidão que lhe manifesta pelo facto de o ir libertando «e caliginoso ignorantiae uinculo» seria mais uma confirmação desse ensino prático, adquirido na convivência do dia-a-dia. Não será portanto conclusão apressada que se trata de alguém particularmente ligado a Santa Cruz ou, ao menos, ao seu Prior.

Mas continuemos. Dedicando a oração a D. João III, Hilário Moreira quer dar uma justificação do facto e alega que o rei «me ad multo maiora animavit, in suorum numerum esse iussit, ad pristina studia reuocavit et sufficienti congiario prosecutus est» (p. 2 do original; cfr. p. 198 deste volume).

Parece fora de dúvida que Hilário Moreira já não era noviço nas letras, pois fala em *pristina studia*. Só que agora o rei chama-o a voos mais altos: *ad multo maiora*, para o que nem sequer falta o estímulo monetário. Ora nesta data, em 1552, D. Hilário tinha já vinte e dois anos de conventual, pois entrara, como noviço, em 1530. Não estaria mal, na sua boca, a expressão *pristina studia*.

Neste contexto, a frase *in suorum numerum esse iussit* parece significar algo mais que a banal protecção do rei a um letrado. Supõe uma relação diferente, do género da que já existia, ao tempo, entre o rei e os cónegos de Santa Cruz.

Sobre esta, no manuscrito *Memórias várias de Santa Cruz* da Biblioteca Municipal do Porto, lê-se o seguinte a propósito da estadia de D. João III em Coimbra, por esta ocasião:

«Assi el rei D. João III nesta formação pelo mesmo modo os tratou, dando-lhes dom e fazendo-os não seus fidalgos, mas seus filhos».

Alusão a esta intimidade real? Do exposto se conclui que há argumentos de certo peso para ligar os dois Hilários num só.

A mesma raridade do nome seria ainda outro. Fiz também algumas pesquisas neste sentido. Folheei os livros da *Chancelaria Régia* deste tempo, do *Desembargo do Paço* e outros mais com grandes listas de nomes, e não encontrei um único Hilário. Passei pelos olhos uma relação dos habitantes de Coimbra em 1610 e o mesmo sucedeu.

No entanto, antes de avançarmos mais, uma pergunta se impõe. Era costume em certas ordens religiosas a mudança de nome. Quem nos garante que a não houve aqui?

São as próprias *Constituições de Santa Cruz* que nos dão a resposta. Dizem, no capítulo XIII, 29:

«Quod si nomen eius baptismale minus aptum uideatur, poterit a Praelato et Magistro mutari in aliud ad quod nouus professus propensior fuerit». Cauendum tamen est, quoad fieri possit, ne in Congregatione sint multi canonici eodem nomine insigniti».

Ora a primeira condição não se aplica a quem usava o nome do grande bispo de Poitiers.

Por outro lado, só mais tarde aparece em Santa Cruz um D. Hilarião, também conimbricense, a quem vem a ser entregue a igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa.

Até aqui os principais factores de aproximação. Mas há também argumentos que parecem ir em sentido contrário e vamos apresentá-los igualmente.

Se Hilário Moreira é D. Hilário, porque não aparece nunca, no traslado dos actos académicos, a mais pequena alusão à sua qualidade de religioso, ao menos como noviço, pois já o era com certeza há muito tempo?

Se lermos as actas do seu curso de artes, verificamos que são iguais às de qualquer outro aluno da Universidade, nada havendo que o ligue a Santa Cruz. Estamos numa época de conflitos entre a Universidade e o mosteiro. Terá sido por isso, por uma questão de independência? Ou estaremos diante de uma norma estabelecida?

Também surpreende que a oração de Hilário Moreira fosse editada pelos tipógrafos régios João de Barreira e João Álvares, pois sabemos que em Santa Cruz havia, nessa altura, uma tipografia que tinha mesmo os caracteres gregos. É natural que fosse esta a preferida. Porque o não foi? Terá sido por se tratar da tipografia universitária e não se pretender distinguir, mais uma vez, os religiosos do Mosteiro dos outros estudantes?

Por tudo o que acaba de se dizer, quem quer poderá ajuizar do problema e formar o seu juízo sobre ele.

O nosso inclina-se para a junção dos dois Hilários num só, pois os argumentos, neste sentido, parecem-nos mais convincentes.

Para acabar, vamos expor o pouco mais que se sabe de D. Hilário: «D. Hilário faleceu em 26 de Maio, foi sacerdote e depois veo em falta por escrupolos e suspenderam-no e cria quantas cousas dificultosas lhe diziam e outras muito claras não queria crer: que um arratel de lã pesa tanto como um arratel de ferro. Estas cousas entre religiosos mancebos havia bem que desenfadar e que castigar.

Perguntavam-lhe cousas dificultosas, a que respondia cousas muito graciosas e nunca avia de mentir e buscava rodeos de muito desenfadamento, e contudo muito devoto e zeloso da religião e sempre rezava.

Assi acabou rindo e gracejando com os Irmãos e parece que logo foi possuir os eternos prazeres».<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> *Necrológio dos Frades de Santa Cruz*, maço 6, 2, da Torre do Tombo, Lisboa.



## II - O humanismo de Hilário Moreira

São dois os aspectos sob que podemos estudar a oração de Hilário Moreira: ideológico e formal.

Do aspecto ideológico já o próprio título nos dá uma ideia, ao chamar-lhe «louvor e estudo de todas as partes da Filosofia». Mas como vamos entender esta palavra? Não decerto ao nosso modo actual. Há assuntos que presentemente nada têm que ver com a filosofia e a ela aparecem ligados aqui.

Temos que regressar ao passado greco-romano, ao tempo em que à filosofia se ligava um conjunto de conhecimentos enciclopédicos, unidos entre si pelas suas causas mais remotas.

É afinal o próprio Hilário Moreira que disso nos adverte, quando diz na p. 7 do original (cfr. p. 206 deste volume):

«Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circumscripta sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur».

Mas apresentemos, nas suas linhas gerais, um esquema da oração:

Após o prefácio, dedicado a D. João III, Hilário Moreira começa pela habitual profissão de incompetência, seguida da esperança de encontrar generosidade e compreensão da parte dos mestres.

Faz depois uma sumária história da filosofia, cuja excelência põe em destaque.

Ora a primeira condição para que alguém possa ser filósofo, é poder exprimir com correcção os seus pensamentos e, com raciocínio seguro, saber procurar a verdade pelos vários caminhos que a ela levam. Num caso temos a *gramática*, no outro a *dialéctica*.

Conhecida a verdade, interessa ornamentá-la, de jeito a que atraia os olhares de todos. Para isso vem a *eloquência*.

Mas, para que a filosofia atinja o seu pleno desenvolvimento, é preciso enquadrá-la em ambiente próprio. A inteligência especulativa do filósofo não se desenvolve de repente, mas pouco a pouco. Um óptimo ensaio para isto são as *matemáticas*, cuja necessidade já Platão reconheceu.

Em seguida podemos já lançar-nos ao estudo dos fenómenos da natureza e das leis secretas a que obedecem. E assim aparece a *filosofia natural*.

Do cosmos faz parte também o corpo humano – o microcosmos dos gregos. Interessa portanto conhecê-lo, favorecer o que possa contribuir para o seu desenvolvimento, evitar o que o possa prejudicar, e curá-lo quando a doença lhe bater à porta. É a vez da *medicina*.

O homem, ser inteligente, sabe que tem obrigações: umas provenientes da própria natureza; outras da vida social. E esta, para o cristão, gira em duas esferas: civil e eclesíástica. Daí a *ética*, o *direito civil* e o *canónico*.

Finalmente a nossa inteligência, iluminada pela Fé, diz-nos que temos um fim sobrenatural a atingir e que para ele tudo se deve orientar. Chegámos pois à *teologia*,

«ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt». Efectivamente o filósofo cristão sabe que Deus se dignou vir em seu auxílio, dando-lhe um novo e mais perfeito modo de o conhecer e mostrando-lhe o caminho a seguir, para alcançar o fim a que tende.

Irá portanto mobilizar todos os recursos da sua inteligência para averiguar da racionalidade desta revelação, procurar compreender o que lhe seja acessível e aceitar o resto com inteira submissão.

Em seguida, à maneira de remate, faz ainda um largo panegírico da filosofia.

Vem depois o ritual elogio a D. João III e ao reitor, D. Manuel de Meneses.

No elogio do rei, há alusões ao grande impulso que as letras então receberam com a transferência da Universidade para Coimbra, à fundação dos colégios universitários, à generosidade do rei e ainda à obra dos portugueses em África e na Índia, invocando-se o título jurídico da época à conquista das novas terras: «*terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide occupatas.*».

Sobre D. Manuel de Meneses queremos pôr em destaque que aí se dá a entender ter sido a sua nomeação para o cargo feita pelos professores universitários, de harmonia afinal com as constituições manuelinas, quando outros afirmam ter sido feita pelo rei<sup>5</sup>.

Termina, por fim, com o elogio de Coimbra, seguido ainda duma breve referência à filosofia.

Como se vê, estamos dentro do esquema aristotélico-tomista, em que tanto se notabilizou a Sorbonne, a cidadela da Escolástica.

É a tradução prática do célebre pensamento de S. Paulo: «*Omnia uestra sunt, uos autem Christi, Christus autem Dei*», um esboço, em traços rápidos, da velha catedral medieva.

Estudam-se os clássicos, imita-se a sua *linguagem*, aproveita-se o seu saber, mas só enquanto possa enquadrar-se no esquema cristão.

A alguns séculos de distância já, estamos perante um eco, embora mais no aspecto especulativo, da elaboração augustiniana da *Cidade de Deus*.

Se agora fizermos um rápido confronto da oração de Hilário Moreira com as outras orações de sapiência do tempo, verificamos que, embora todas obedçam a um esquema geral comum, há todavia certas particularidades nesta que a diferenciam um pouco das outras. Assim, em certas disciplinas o louvor é omitido, ou abordado só de passagem. Tais são a música, a poética, o conhecimento das línguas, a astronomia. Depois de falar da teologia, volta-se de novo para a filosofia, de que tece um longo panegírico.

Apresenta também um belo elogio de Coimbra.

---

<sup>5</sup> Mário Brandão e Lopes d'Almeida, *A Universidade de Coimbra. Esboço da Sua História*, Coimbra, 1937.

Terá Hilário Moreira seguido de perto outros modelos que não os parisienses? Quanto ao elogio de Coimbra, não oferece dúvidas que lho inspirou a oração de sapiência de Cataldo Parísio Sículo, proferida na Universidade de Bolonha antes de 1485 e publicada em Lisboa em 1500. Há ali também o elogio de Bolonha. E a coisa não ficou só por aqui. Como se verá mais adiante, Cataldo forneceu ao nosso autor abundância de material, particularmente no que diz respeito à retórica e ao direito.

Nem admira que assim fosse, tratando-se dum célebre jurista de Bolonha e do *orator* da corte de D. João II.

Mas, apesar disso, Hilário Moreira não segue o esquema de Cataldo e omite até o elogio da poética.

Quer dizer, estamos em face duma oração com um cunho de personalidade, que me parece superior ao das outras, se atendermos, não tanto ainda ao esquema, mas à maneira de ligar os assuntos à volta da ideia central – a filosofia.

Só é pena que, ao revestir de carne o esqueleto, Hilário Moreira andasse, por aqui e por ali, à busca de pensamentos alheios, mais preocupado com o aspecto formal, que com o ideológico.

Mas esta atitude justifica-se. Por um lado era o ambiente geral da época. Como observa C. Pimpão na sua *História da Literatura Portuguesa*, o que interessava não era o que se dizia, mas como se dizia.

Por outro lado, mais não seria de esperar, atendendo a que, quem fazia estas orações de sapiência não eram mestres experimentados, mas ex-alunos recém-chegados ao grau.

Belchior Beleago, por exemplo, proferiu a sua oração em 1548, vindo a doutorar-se só em 1556. António Pinto era apenas bacharel em artes. Pedro Fernandes ainda não era bacharel em direito canónico.

Nestas condições, compreende-se que nem a cultura fosse grande, nem ainda demasiado amadurecida, para que se sentissem à vontade; e, como o assunto era sempre o mesmo nas suas linhas gerais, daí que fossem procurar a novidade mais ao aspecto formal, para o que, de resto, deviam estar mais bem preparados.

Busca-se afanosamente a imitação dos clássicos, particularmente de Cícero, e enxertam-se os seus pensamentos num contexto de tal forma elevado, que se torna difícil distinguir, pelo estilo, o que pertence ao autor ou o que foi beber a outras fontes.

Com Hilário Moreira – e estamos certos de que a «doença» era geral – a recolha de materiais alheios vai mais longe do que era de esperar, não se limitando só aos modelos clássicos.

Nas várias pesquisas que fizemos nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, encontrámos três obras que, para o nosso autor, tiveram uma importância capital.

São elas: *Antiquarum Lectionum libri*, de Luís Célio, Basileia, 1517, a *Oração de Sapiência* de Cataldo Parísio Sículo, proferida em Bolonha e mais tarde incluída nas *Epistolae I* (Lisboa, 1500) do mesmo autor, e a *Epistola LXXXIII* de S. Jerónimo, in *Inuentarium secundae partis Epistolarum*, de 1512.

Aqui Hilário Moreira veio não só respigar um ou outro pensamento mais belo ou uma palavra mais rara, mas parágrafos inteiros, acompanhados das respectivas citações que esses autores se lembravam de fazer, numa tal falta de escrúpulo, que hoje nos deixaria boquiabertos.

Tudo isto é em seguida iucorporado na oração com tal mestria e arte, que não é fácil apercebermo-nos estarmos em face de pensamentos, palavras e exemplos de outrem – cujos nomes, de resto, são quase sempre omitidos –, tanto mais que ordinariamente as frases não ficam na mesma ordem em que se encontram nos respectivos autores, mas obedecem a um critério de agrupamento diferente, que no entanto as articula perfeitamente no conjunto.

Vejamos um exemplo:

**Célio:**

*«Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa uel gradus, quibus conscenduntur altiora ... Ceterum initio geometria praecipue et arithmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam, has cum primis accomodas perspexisset ... Sed etiam mathematica speculatio ad cogitationis acumen a Platone suscepta est, quod surrigat animum et ad rerum diuinarum intuitum mentis aciem exacuat. Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, mudior Leberide et Cinclo pauperior. Nam mathematicae speculationes uelut praeludium quoddam ad diuinarum perpensionem statuere conuenit ... Nam geometriae adest hoc imprimis quae initium est et tanquam ceterarum metropolis».*

*Antiquarum lectionum libri, 4, 30.*

**Hilário Moreira:**

*«Mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa, quibus altiora conscenduntur et quaedam praeludia ad diuinarum perpensionem.*

*Quarum speculatio a Platone susceptata est ad cogitationis acumen, quod erigat animum et ad rerum diuinarum intuitum aciem mentis exacuat.*

*Quam ob rem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est nudior leberide et Cinclo pauperior. Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et arithmetica in mathematicarum album a Pytagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accomodas perspexisset .*

Hilário Moreira, p. 12 do original (cfr. pp. 214-215 deste volume).

Repare-se nas duas pequenas expressões: *praeludia ad diuinorum perpensionem* e *ceterarum metropolis*. A sua deslocação e aproveitamento diz-nos bem até que ponto era sensível ao efeito dum termo mais raro ou duma expressão mais feliz, este singular pescador de pérolas. Temos a impressão de assistir já a uma espécie de ensaio de arte pela arte.

Mais exemplos poderíamos apresentar. Entendemos, porém, que este dará uma ideia do que acabámos de dizer.

A Cataldo, foi Hilário Moreira buscar a maior parte do que diz sobre a oratória e o direito.

De S. Jerónimo tira muito do que apresenta acerca da teologia, inclusive três citações de Virgílio, com o respectivo enquadramento.

Algumas vezes porém estes autores fornecem-lhe sugestões mais vagas, que depois são desenvolvidas a gosto próprio. Sirva de exemplo o seguinte texto de Célio<sup>6</sup>, 13. 43, e confronte-se com o que Hilário Moreira diz a respeito da teologia (vd. pp. 19-20 do original; cfr. pp. 222-225 deste volume):

«Etenim diuinum lumen in angelicam primum descendit naturam et ab ipsa mox, reuelationibus *et diuinis demonstrationibus*, ... ad nostram usque intelligentiam participationemque se transfudit. At *humana mens*, eisdem rursus gradibus, ad superna conscendens, sacra diuini eloquii inspectione, *caelestia secreta* et eam quae in angelis est, diuinae claritatis illuminationem *perpendit*, ex qua paulatim in *inuisibilium agnitionem succrescens*, ad *ipsum tandem diuini et summi luminis splendorem contemplandum conualescit*.

*Vnum siquidem lumen ad multa se diuidit illuminanda*. Vt illuminata omnia ad unius claritatis aspectum similitudinemque reformet.

Claritas Patris, unius emissionem simplicis radii et illuminationem, per *cuncta se diffundit et penetrat uniuersa*, quum *unam sapientiam Pater genuit*, per quam omnia cuncta sua fecit. Verbum quidem Patris lumen de lumine est. Vnum Verbum et radius unus. Et *ipsum Verbum sapientia est*. Et ipsa sapientia lumen et procedens» ...<sup>7</sup>

Estamos convencidos de que foi esta a fonte onde Hilário Moreira veio beber a sugestão da “ardente luz divina”, de que encontrou uma bela expressão no canto VI da *Eneida*, v. 724-728, e ainda a ideia de falar da visão dos bem aventurados, o que confirma com um pensamento de Santo Agostinho.

E embora estejamos convencido de que, ao falar da teologia, Hilário Moreira teria forçosamente de aludir à Trindade em Deus, parece-nos todavia que a alusão ao Verbo, como “Sabedoria do Deus Pai”, tenha sido ainda sugerida pela leitura deste capítulo.

<sup>6</sup> Este autor é o que Hilário Moreira mais aproveita. A sua obra enciclopédica de 800 páginas, recheada de citações dos clássicos, deverá ter sido um dos melhores mananciais para aquele tempo.

<sup>7</sup> Sublinhámos as passagens que tivemos por mais importantes.

Além dos autores já mencionados, Hilário Moreira aduz textos de Platão, Aristóteles, Plutarco, Diógenes Laércio, Virgílio, Homero, Santo Agostinho, a Sagrada Escritura especialmente S. Paulo, Demóstenes, Teofrasto, Temístio, Hipócrates, Quintiliano, Séneca, Galeno e Vitruvius.

Já vimos que muitos não foram colhidos na própria fonte. Era, na verdade, bem mais reduzido o seu conhecimento dos clássicos.

À parte Cícero, Virgílio, Homero, Quintiliano, nenhum outro autor deverá ter sido manuseado no original.

O próprio Diógenes Laércio deve ter sido consultado, não no texto grego, mas numa tradução latina do mesmo, como esperamos demonstrar mais adiante, ao fazermos as várias anotações ao texto.

A tendência para abonar, com exemplos tirados dos clássicos, a doutrina que se ia expondo, chega mesmo ao exagero. Atente-se na citação que faz do pseudo-Aristóteles, em que este compara os que deixam a filosofia pelas outras ciências, com os pretendentes de Penélope que, não podendo conquistar a senhora, se voltavam para as escravas. Esta citação foi tirada de Célio. Mas Hilário Moreira acrescentou-lhe uma localização dos pretendentes, o que, quanto a nós, vem totalmente a despropósito. É apenas um alardear erudição.

Tão longe vai a busca do molde clássico para o ajustar ao próprio pensamento, que, talvez por causa disso, Hilário Moreira chega a transpor as barreiras da ortodoxia.

Na teologia, ao falar do Espírito Santo, e levado certamente pelo desejo de adequar à grandeza do tema uma forma condigna, apresenta um pensamento de Virgílio, a que já nos referimos, todo ele repleto de panteísmo lucreciano, na linha directa da tradição greco-romana.

E, após o naufrágio, cândidamente rejubila, numa comparação cheia de poesia, de a sua frágil canoa ter transposto, sem novidade, os escolhos doutrinários.

Desculpemos o mestre em artes, para quem vinha longe ainda o doutoramento em teologia!

Voltemo-nos agora mais directamente para o aspecto formal, que tanto desvelo mereceu ao nosso autor.

Não há dúvida de que, para ele, estava Hilário Moreira especialmente preparado.

O seu período, embora muitas vezes um tecido feito de vários retalhos, é fluente, cadenciado, com o movimento longo da prosa ciceroniana.

Repare-se, por exemplo, nestes períodos, de cuja originalidade não nos seria lícito duvidar:

«Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem, ausus uel offerre uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset.

Quum enim, uestra animatus fiducia, huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et uos apprime estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus singulari fauore sustentabitis.

Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt rhetores; scio enim summum eos subire discrimen qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium, si contia, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes uolentes, uos in admirationem rapiat» (p. 4 do original; cfr. p. 202 deste volume).

Há aqui um ritmo acentuado, uma frase larga sem constrangimento, uma cadência que nos faz lembrar Cícero.

De ordinário as várias partes do discurso estão bem concatenadas entre si, numa seqüência natural e espontânea, sem saltos nem transições bruscas. As passagens de uns assuntos para outros operam-se gradualmente, procurando mesmo aproximá-los pelo que têm de comum.

Veja-se, como modelo, a maneira de passar da dialéctica à eloquência: «Quam [dialecticam], quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rhetoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asserit Cicero» (p. 10 do original; cfr. p. 212 deste volume).

Revela-se um bom conhecedor da língua latina. Os seus termos são sempre apropriados, chegando mesmo a substituir palavras nas transcrições que faz dos vários autores.

Assim, enquanto Cataldo diz: «et cum uenisset defensurus Cicero», Hilário Moreira (p. 11, do original; cfr. p. 212 deste volume) põe: «At cum defensurus Cicero aduentasset». Acharnos mais feliz esta ordem de palavras e a escolha do verbo e da adversativa. A frase toma-se mais movimentada, mais enérgica, o que fica bem no ambiente de expectativa que a cena descrita em nós desperta.

Não podemos supor que estas substituições fossem eventuais. Elas revelam antes um destro conhecedor da língua, usando-a conscientemente e sabendo tirar dela efeitos estilísticos.

Mas ... «aliquando dormitat bonus Homerus».

Aparece-nos realmente um caso – além de outros, em que talvez haja corrupção do texto – a que estas nossas observações parecem não ter aplicação.

Na p. 6 do original (cfr. p. 204 deste volume), diz: ... «quod (Pythagoras) philosophiae *domicilium* in Italia diutissime *excoluerit*».<sup>8</sup>

Não vemos que possam unir-se *excolere* com *domicilium*. Pretenderia o nosso autor ligar *excolere* sintacticamente a *domicilium* e conceptualmente a *philosophiae*?

Se assim é, não achamos que se trate dum processo muito feliz.

Embora Hilário Moreira respigue pensamentos de vários autores e de diferentes épocas, não nos apercebemos, no entanto, de que houvesse evolução semântica no seu vocabulário. As palavras são usadas ordinariamente no sentido dos autores clássicos, em especial de Cícero. Exceptuamos termos como *academia*, *licium*, *rector*, etc. que, como é claro, se aplicam a conceitos diferentes dos conceitos antigos.

<sup>8</sup> O itálico é nosso.

Há, por vezes, a busca da palavra rara do grecismo erudito, a que não parece alheio um certo preciosismo. Repare-se, por exemplo nesta frase: «At iam nos uocat operis coronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem» (p. 27 do original; cfr. p. 236 deste volume).

Apresenta algumas palavras em grego, palavras gregas isoladas, como Οὐρανόσκοπος (p. 8 do original; cfr. p. 208 deste volume), ψυχαγωγός (*ibidem*); aparecem palavras gregas vestidas de roupagens latinas, como *Matheseos* e *matesin* tiradas de Célio (p. 12; cfr. p. 214) *sophiam*, *sopbi* (p. 5-6; cfr. p. 204), vários helenismos morfológicos como: *logicen* (p. 9; cfr. 210), (*H*)*oromasin* (p. 17; p. 220), *Syrtim* (p. 21; cfr. p. 226) e *Charybdim* (*ibidem*).

Aparecem também dois helenismos sintácticos: dois infinitos a servir de complementos de fim, decerto numa tradução pouco livre de qualquer autor grego. Vejamos: [Grammatica] «linguam componit uoces formare formatas denique congrue eloqui<sup>9</sup> instiuit».

Em resumo: a forma literária indica-nos que estamos diante dum humanista, bom conhecedor da língua latina e dos seus recursos.

Quanto ao grego, embora não possamos fazer um juízo tão seguro devido ao seu costume de beber abundantemente nas várias fontes, não há dúvida de que conhecia, pelo menos, os Poemas Homéricos. Apresenta citações da *Odisseia* que, sem dúvida, ele mesmo foi procurar. Mas não devia ficar-se só por aqui. De resto, não será muito arriscado ver neste autor um fruto da escola do célebre Vicente Fabrício, sobre cujo ensino Clenardo dizia: «se me é licito meter-me a profeta, muito Coimbra há-de florescer no estudo das línguas.»<sup>10</sup>

Não queremos terminar este capítulo sem uma alusão ao espírito poético que Hilário Moreira revela através da sua oração. Leia-se, por exemplo o que diz na p. 21 do original (cfr. p. 226 deste volume), quando começa: «Qui uero alienos quaerunt amores ... » Embora não saibamos até onde vai também neste caso a sua originalidade, não há dúvida, pelo menos, de que estamos diante de alguém de fino e apurado gosto pela arte das musas.

### III – Cláusulas métricas

Parecia-nos incompleto o estudo do humanismo de Hilário Moreira, se não apresentássemos aqui, à maneira de epílogo, algumas considerações sobre o uso das cláusulas métricas.

<sup>9</sup> Devemos acrescentar que dois manuscritos têm *eloquio*. Preferimos porém a forma verbal paralela *formare* e que vem no impresso. Parece-nos que o uso do advérbio em *congrue* reforça a nossa posição.

<sup>10</sup> Doutor M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal. I – Clenardo e a Sociedade Portuguesa*, Quarta edição, revista, Coimbra, 1974, p. 375.



Se efectivamente o movimento largo e cadenciado da sua prosa nos sugere a prosa de Cícero, isso é devido também ao emprego, nos finais de período, das cláusulas do Arpinate.

De harmonia com a doutrina exposta nos tratados *Orator*, *De Oratore* e *Partitiones Oratoriae*, as combinações que mais recomenda e usa são as seguintes:

Duplo crético – ∪ – | – ∪ –

Crético mais espondeu – ∪ – | – –

Dicoreu – ∪ | – ∪

Duplo espondeu – – | – –

Péon 1º mais espondeu – ∪ ∪ ∪ | – –

De todas elas encontramos exemplos em Hilário Moreira. Vejamos:

Duplo crético: *non eram | nescius* (p. 3 do original; cfr. p. 200 deste volume); *antea effluxerit* (p. 6; cfr. p. 204); *ciuitas gesserat* (p. 11; cfr. p. 212); *officiis | excolant* (p. 22; cfr. p. 228).

Crético mais espondeu: *iniuria | dicam* (p. 3; cfr. p. 200); *aerumnarum leuamentum* (p. 5; cfr. p. 202); *procedit in | turbas* (p. 11); *referret acceptum* (p. 5; cfr. p. 204); *colloca | ti sunt* (p. 14; cfr. p. 216); *ore pro | fusa* (p. 17; cfr. p. 220).

Dicoreu: *satis explicare possit* (p. 3; cfr. p. 200); *attentissimas comparabit* (p. 5; cfr. p. 204); *diligenter sint interpretati* (p. 9; cfr. p. 208); *persuasus liberarit* (p. 12; cfr. p. 212); *animos induamus* (p. 5; cfr. p. 202); *iudiciorum illigata* (p. 19, alias 15; cfr. p. 218).

Duplo espondeu: *obtemperare deterrebant* (p. 4; cfr. p. 200); *necessitas excuset* (p. 4; cfr. p. 202); *in procinctu* (p. 4; cfr. p. 202); *litterarum culmen* (p. 4; cfr. p. 202); *sapientes appellati sunt* (p. 6; cfr. p. 204); *in tenebris saltare* (p. 23; cfr. p. 230); *distenta differt* (p. 11; cfr. p. 212); *ambiguitatem eferre; uiuendi modum praescribat* (p. 14; cfr. p. 216); *quos nemo uexat* (p. 19, alias 15; cfr. p. 218); *censurae plâne ostendunt* (p. 18; cfr. p. 222); *decus et ornamentum* (p. 25; cfr. p. 232); *Christiana metiris* (p. 26-27; cfr. p. 234); *calamitas extinguet* (p. 28; cfr. p. 236).

Péon 1º mais espondeu: *tranquillam agere uitam* (p. 26; cfr. p. 234).

Desta última, no entanto, só encontramos estes dois exemplos, enquanto que são muito numerosos os exemplos de dicoreu, duplo espondeu e crético mais espondeu.

Mas há ainda outras cláusulas embora menos frequentes. Tais são:

Espondeu crético: – – | – ∪ – : *singulari fauore sustentabitis* (p. 4; cfr. p. 202); *id sensit Socrates* (p. 6; cfr. p. 206); *si lucernam restinxeris* (p. 8; cfr. p. 206); *et splendescere* (p. 27; cfr. p. 234); *conseruantium* (p. 24; cfr. p. 232);

Cláusula heróica: – ∪ ∪ | – ∪ : *acrius exstimulauit* (p. 6; cfr. p. 204); *secum uiuere cogunt* (p. 5; cfr. p. 202); *sortiti exilierunt* (p. 6; cfr. p. 204);

Péon 4º tríbraco: ∪ ∪ ∪ – | ∪ ∪ ∪ : *consulere maluerim* (p. 3-4; cfr. p. 200);

Péon 4º mais crético: ∪ ∪ ∪ – | – ∪ – : *magnificentius et augustius* (p. 4; cfr. p. 202);

Espondeu tríbraco: – – | ∪ ∪ ∪ : *in admirationem rapiat* (p. 4; cfr. p. 202); *nomen peperit* (p. 25; cfr. p. 232); *discere non erubuit* (p. 23; cfr. p. 228);

Péon 4º espondeu:  $\cup \cup \cup - | - -$  : *sapere coepisset* (ibidem);  
 Coreu crético:  $- \cup | - \cup -$  : *constipatum intuebitur* (p. 24; cfr. p. 230);  
 Dáctilo crético:  $- \cup \cup | - \cup -$  : *legitime imperat* (p. 26; cfr. p. 232).  
 Coriambo crético:  $- \cup \cup - | - \cup -$  : *philosophiae studiosissimus* (p. 5; cfr. p. 204).

Como se vê, há uma grande variedade de combinações; mas todas elas se podem incluir no esquema ciceroniano.

Pode causar talvez certa estranheza a relativa abundância do tríbraco, substituto do coreu. Porém o seu uso não deveria ficar mal, quebrando um tanto a monotonia dos finais longos.

E note-se como nas cláusulas menos usuais aparecem, como elementos componentes, e de harmonia ainda com a boa tradição ciceroniana, o crético e o péon.<sup>11</sup>

#### IV – Textos da Oração e seu estudo crítico

Até ao presente, conhecem-se cinco testemunhos do texto da oração de sapiência de Hilário Moreira: dois impressos e três manuscritos.

Os impressos, que reputamos os mais antigos, são dois exemplares perfeitamente iguais duma única edição feita pelos tipógrafos régios João de Barreira e João Álvares, logo a seguir à leitura da oração em 1 de Outubro de 1552.

Os manuscritos, como iremos demonstrar, são cópias ulteriores de qualquer exemplar impresso. Encontram-se em Évora, Coimbra e Lisboa.

Os primeiros estão: um na Biblioteca Municipal do Porto e o outro na Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander.

O do Porto faz parte duma miscelânea que tem a cota y'-3-58. Está na Casa Forte da Biblioteca e mede de comprimento 19 cm, e de largura 13,5 cm.

Compreende este volume várias obras de humanistas do século XVI, entre as quais cerca de uma quinzena de composições em poesia e prosa de Jorge Coelho e de Manuel da Costa, bem como um conjunto de sete peças de oratória da autoria, respectivamente, de Arnaldo Fabrício, Inácio de Morais, André de Resende, Petro Fernandes, António Pinto, Belchior Beleago e, justamente, o nosso autor Hilário Moreira, que apresenta a seguinte portada:

Hilarii Moreirae Co/nimbricensis, ad inuictissimum Lusitaniae Regem D. Ioannem tertium/ de omnium Philosophiae / partium laudibus /et studiis / oratio // Apud Conimbricense lyceum uniuersi terrarum orbis flo/rentissimum de more Academiae habi/ta calend. Octob. Anno salutis / 1552 // Conimbricae // Ionnes Barrerius et Ioannes Aluarus /Regii typographi/ excudebant.

<sup>11</sup> Neste trabalho seguimos de perto os esquemas de L. Laurand.

O exemplar de Santander é a quarta de cinco orações de sapiência, reunidas todas num único livro e que tem por título *Orationes Antiquae Lusitanorum*. São as outras as de Belchior Beleago (1548), Pedro Fernandes (1550), André de Resende (1551) e Jerónimo de Brito (1554). Há ainda, no mesmo volume, mais três orações panegíricas – as de António Luís (1539), Inácio Morais (1554) e Diogo de Teive (1553) e cinco orações manuscritas, que devem ser exercícios retóricos das aulas do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.<sup>12</sup>

O manuscrito de Évora pertence ao códice *C XII/1-25*, n.º 480, da Biblioteca Pública daquela cidade. Não tem introdução, o mesmo se verificando com as outras duas orações de sapiência.

Deste códice, que mede 21 cm. de comprimento e 16 cm. de largura, fazem parte: obras do historiador Manuel Fernandes, de Lamego, do historiador e orador Manuel Constantino, do Funchal, de Cadaval Grávio Calidónio, isto é, Álvaro de Cadaval Valadares de Soto Maior, e bem assim as orações de sapiência de Arnaldo Fabrício, de Belchior Beleago e de Hilário Moreira.

O manuscrito de Coimbra encontra-se nos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade e tem o número 527. Mede de comprimento 30 cm. e de largo 21 cm. O volume a que ele pertence contém também algumas poesias e uma oração de sapiência de Jerónimo Cardoso, bem como as orações de André de Resende, de Arnaldo Patrício, de Belchior Beleago, e Hilário Moreira.

Finalmente, no manuscrito 3174 *FG*. da Biblioteca Nacional de Lisboa, que mede de comprimento 21 cm e de largura 15 cm., encontramos as mesmas orações de Fabrício, Beleago, Resende do nosso Hilário Moreira.

Antes do procedermos ao estudo crítico destes textos, queremos advertir o leitor de que, em virtude de ser bastante irregular a grafia de muitas palavras, resolvemos abandonar o sistema renascentista, substituindo-o pelo clássico.

Poderíamos, por exemplo, conservar *Author, anthoritati, charos, charitas, literae, literatus, peccunia*. porque estas palavras aparecem sempre escritas da mesma forma.

Mas, como proceder com grafias como *adequatio, cesos* (esta tirada já assim de Cataldo), *felicitas, faelice, laeticia, stulticia, noticia, caelesti*, ao lado de *caeterum, foeliciuuem, foelici, speties, suspitio, coelesti*?

Perante tal arbitrariedade pelo que toca aos ditongos *ae* e *oe* e às sílabas *ti* e *ci* entendemos não ter outro caminho a seguir.

Devemos todavia sublinhar que os copistas dos manuscritos fizeram muitas emendas no sentido da grafia clássica, caindo, por vezes, em casos de ultracorreção.

<sup>12</sup> Foi nossa fonte de informação, pelo que diz respeito a este códice, um artigo do Sr. Dr. Luís de Matos no *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. III, I, e ainda uma nota do Sr. Doutor Costa Pimpão no seu *Compêndio de Literatura Portuguesa*.

Ora, quer duma forma quer doutra, as suas emendas podiam servir-nos de guia neste estudo crítico. Prescindimos delas todavia, para não apresentarmos uma inútil sobrecarga de provas.

Levados igualmente pela ideia de simplificação, vamos designar os textos apenas pelas iniciais das respectivas cidades onde se encontram. Respeitando a ordem por que os descrevemos atrás, teremos pois:

- P* = (exemplar da Biblioteca Municipal do Porto)  
*S* = (exemplar da Biblioteca Menéndez Pelayo, de Santander)  
*E* = (manuscrito da Biblioteca Pública de Évora)  
*C* = (manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)  
*L* = (manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Quanto aos impressos *P* e *S*, nada interessa debruçarmo-nos sobre cada um em particular, visto tratar-se de dois exemplares da mesma edição, como já se disse.

Há, no entanto umas pequenas observações que pretendemos fazer.

Assim, em ambos, aparecem certos erros tipográficos – por exemplo *exposcepant* por *exposcebant* – que mãos cuidadosas emendaram e, com mais cuidado, em *P* que em *S*. E a prova do que acabo de afirmar fornece-no-lo uma troca de desinências, que aparece logo na primeira página do texto.

Aí por alturas do meio lê-se: «*quos labia soluere*».

Ora é evidente que devia ser não *quos*, mas *qui*, sujeito da oração.

Em ambos os impressos aparece a emenda e *P* tem-na ainda ao lado, escrita à mão.

Porém *S*, a avaliar pelas fotocópias de que nos servimos e que parecem suficientemente claras, emenda não só esta palavra, mas também – e igualmente para *qui* – um outro *quos* que se encontra umas linhas mais acima e está bem.

Estava mais consciente do que fazia a mão que emendou *P*. E como, quanto ao resto, são perfeitamente iguais, ponhamos então *S* de parte.

Dos três manuscritos o mais antigo, a avaliar pelo tipo de letra e pelo uso das abreviaturas, é *E*. Calculo que deverá ser ainda do séc. XVI. Está numa caligrafia bastante cuidada e facilmente legível. Corrige alguns erros ou pseudo-erros de *P*, mas deixa passar outros que nos dão a certeza da sua filiação em *P*.

Alguns exemplos do primeiro caso

<i>P</i>	<i>E</i>
<i>quos</i> (p. 3; cfr. p. 201)	<i>qui</i>
<i>tacco</i> (p. 23; cfr. p. 230)	<i>taceo</i>
<i>lycium</i> (p. 6; cfr. p. 204)	<i>lyceum</i>
<i>exstimulauit</i> (p. 6; cfr. p. 204)	<i>stimulauit</i>

Exemplos do segundo – erros conjuntivos:

*P e E*

*Cauolam* por *Scaeuolam* (p. 12; cfr. p. 212)

*adlubecet* por *adlubescet* (p. 12; cfr. p. 214)

*deprauere* por *deprauare* (p. 19; cfr. p. 224)

*excrabantur* por *exsecrabantur* (p. 22-23; cfr. p. 228)

Mas a prova mais clara desta dependência está no texto grego da p. 18, aliás 16 (cfr. p. 220).

Têm assim *P e E*:

... γε ἐοικό τικται ... por γε ἐοικότι κεῖται <sup>13</sup>

Quando começámos a ler *E* e verificámos que não tinha a dedicatória a D. João III, veio-nos ao pensamento que poderia ter sido uma cópia directa do manuscrito de Hilário Moreira. Quando porém verificamos que o mesmo acontecia às outras orações de sapiência que ali se encontram e fizemos o estudo dos erros conjuntivos entre *P e E*, mudámos totalmente de opinião.

Passemos agora a *C*, que supomos deverá ser uns anos bons posterior a *E*; talvez dos fins do séc. XVII. O seu autor revela uma grande ignorância do latim. Está inçado de erros de todo o género: duplica consoantes indevidamente, arranja terminações que nunca existiram, une, numa só, duas palavras e vice-versa; não desdobra abreviaturas, etc. Alguns exemplos: *uittae* (p. 18; cfr. p. 222), *ad hibita* (p. 10; cfr. p. 210), *splen descet* (p. 11; cfr. p. 212), *ones* (p. 17; cfr. p. 220), *consensut* (p. 14; cfr. p. 216), *inme* (p. 3; cfr. p. 200).

Quanto ao grego, simplifica o assunto, pois não transcreve texto algum, deixando, no entanto, os respectivos espaços em branco.

Este manuscrito é, sem dúvida, cópia de outro manuscrito. Efectivamente, apesar da sua ignorância do latim, e mesmo por causa dela, há erros que não podem ter outra explicação que não seja a dificuldade de ler o texto que o copista tinha diante.

Vejamos alguns:

*sapidillimo* (p. 10) por *sapidissimo*

*gramateae* (p. 8) por *grammaticae*

*cindae* (p. 12) por *cinco*

*seneretdendo* (p. 18, aliás 16;) por *si in reddendo*

*amodisno* (p. 19, aliás 15) por *anodyno*

*statisn* (p. 11) por *statim*

Estivemos a observar atentamente *P* no que diz respeito à expressão «*si in reddendo*». Lê-se muito bem e as palavras estão separadas.

<sup>13</sup> Esta gralha está no entanto emendada à mão nos dois impressos que se conhecem.

Como iria juntá-las numa palavra sem sentido o copista de *C*, se tivesse copiado aquele?

Passemos a *L*. É o mais recente dos manuscritos. O seu tipo de letra – bastarda italiana – leva-nos ao séc. XVIII. Se o confrontarmos com *C* verificaremos haver um número relativamente grande de elementos conjuntivos entre os dois. Vejamos e confrontemos simultaneamente com *P* e *E*:

Verifica-se que em ambos os manuscritos houve a preocupação de corrigir erros de *P* ou supostos ou verdadeiros,

<i>L e C</i>	<i>P</i>	<i>E</i>	
<i>apprimi</i>	<i>apprime</i>	<i>apprime</i>	p. 4, cfr. <i>infra</i> , p. 202
<i>lyceum</i>	<i>lycium</i>	<i>lyceum</i>	p. 6, cfr. <i>infra</i> , p. 204
<i>afferre</i>	<i>efferre</i>	<i>efferre</i>	p. 8, cfr. <i>infra</i> , p. 208
<i>constatur</i>	<i>conflatur</i>	<i>conflatur</i>	p. 9, cfr. <i>infra</i> , p. 208
<i>Scaeuolam</i>	<i>Caeuolam</i>	<i>Caeuolam</i>	p. 12; cfr. <i>infra</i> , p. 212
<i>Zelleccus</i>	<i>Zelleuccus</i>	<i>Zelleccus</i>	p. 18, aliás 16; cfr. <i>infra</i> , p. 218
<i>Lucrensis</i>	<i>Locrensis</i>	<i>Locrensis</i>	p. 18, aliás 16; cfr. <i>infra</i> , p. 218
<i>Insirtim</i>	<i>in Sirtim</i>	<i>in Sirtim</i>	p. 21; cfr. <i>infra</i> , p. 226
<i>Lusitani</i>	<i>Lusciani</i>	<i>Lusciani</i>	p. 23; cfr. <i>infra</i> , p. 230

Em face disto, três hipóteses poderiam pôr-se: ou *L* ser cópia de *C* e vice-versa, ou serem os dois cópias de um terceiro manuscrito. A hipótese de serem tirados dum impresso tem de pôr-se de parte, atendendo ao que já se disse acerca de *C*.

Ora *L* não pode ser cópia de *C*, pois que *C* não tem os textos gregos, ao contrário de *L*. Por sua vez *C* não pode ser cópia de *L*, por ser manifestamente mais antigo. Além de que era impossível a um copista, por mais inexperiente e desconhecedor do latim, ajuntar um tal amontoado de erros em *C*, tendo-o tirado de *L*, escrito em bastarda italiana e que se lê portanto com a maior facilidade.

Resta então a 3.<sup>a</sup> hipótese: terem os dois uma fonte comum – um terceiro manuscrito.

Assim se explicam as várias coincidências entre os dois, cuja lista atrás deixámos.

Que este terceiro manuscrito fosse *E* não o podemos admitir. A lista de nomes que atrás fica é de molde a tirar-nos as dúvidas que pudessem surgir. Mas vamos todavia acrescentar mais alguns:

<i>L e C</i>	<i>E</i>	
<i>Quos</i>	<i>qui</i>	p. 3; cfr. <i>infra</i> , p. 201
<i>August</i>	<i>8August. 3</i>	p. 10; cfr. <i>infra</i> , p. 210
<i>Execrabantur</i>	<i>excrabantur</i>	p. 22-23; cfr. <i>infra</i> , p. 228
<i>tacco</i>	<i>taceo</i>	p. 23; cfr. <i>infra</i> , p. 230

Há que admitir um manuscrito diferente, de que não temos notícia e que vamos designar por  $\alpha$ .

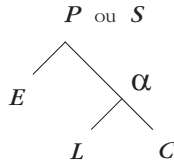
E agora uma última pergunta. Não teria sido este manuscrito o próprio original de Hilário Moreira, tanto mais que a cópia mais antiga se encontra em Coimbra?

Estamos certos que não. Há erros conjuntivos comuns aos três e que nos levam a concluir por uma filiação em  $P$ . Apontemos:

*P C L*

<i>quos</i> por <i>qui</i>	p. 3; cfr. 201
<i>coagmentadarum</i> por <i>coagmentandarum</i>	p. 9; cfr. 210
<i>deprauere</i> por <i>deprauare</i>	p. 19; cfr. 224
<i>tacco</i> por <i>taceo</i>	p. 23; cfr. 230
<i>mulgere</i> por <i>mulcere</i>	p. 19; cfr. 224

Esquematisando graficamente tudo quanto acaba de dizer-se, teremos o seguinte «stemma»:



Resumindo:

Se as nossas deduções estão bem,  $P$  é o texto mais antigo que se conhece. Dele derivam os outros ou directa ou indirectamente. As divergências que surgiram, à parte o caso impar de  $C$ , são devidas ao desejo de corrigir alguns erros ou pseudo-erros de  $P$ , e ainda ao coeficiente pessoal de erro de cada copista.

ALBINO DE ALMEIDA MATOS

TEXTO E TRADUÇÃO



HILARII MOREIRAE  
CONIMBRICENSIS

AD INVICTISSIMUM LVSITANIAE REGEM  
D. IOANNEM TERTIVM

DE OMNIVM PHILOSOPHIAE PARTIVM  
LAVDIBVS ET STVDIIS  
ORATIO

Apud inclitum Conimbricense Lycaeum  
uniuersi terrarum orbis florentissimum  
de more Academiae habita  
Calend. Octob.  
Anno Salutis  
M. D. LII.

CONIMBRICAE  
Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus  
Regii typographi excudebant.

HILÁRIO MOREIRA  
CONIMBRICENSE

ORAÇÃO  
SOBRE O ESTUDO E LOUVOR  
DE TODAS AS PARTES DA FILOSOFIA

DEDICADA AO INVICTÍSSIMO  
REI DE PORTUGAL D. JOÃO III

Proferida na Universidade de Coimbra,  
a mais próspera de todo o mundo,  
segundo a praxe da Academia,  
em 1 de Outubro  
do ano da salvação  
1552

COIMBRA  
Imprimiram-na os tipógrafos régios  
João de Barreira e João Álvares

[2]

INVICTISSIMO D. IOANNI TERTIO  
LVSITANIAE REGI SERENISSIMO  
HILARIVS MOREIRA, S.

Oratio qualiscumque a me habita in hoc tuo florentissimo Museo de disciplinarum laudibus, in publicum exitura, ad cuius patrociniū confugiet, nisi ad tuum, Rex piissime, ac nostri saeculi decus unicum, qui Musarum patronus es, et bonas artes in nostra Lusitania e tenebris uindicasti? Cuius se titulo et splendore tutabitur, nisi eius qui me ad multo maiora animauit, in suorum numero esse iussit, ad pristina studia reuoeauit, et sufficienti congiario prosequutus est?

Is enim es, ὃς περὶ μὲν ἐστὶ νόον βροτῶν.

Nam, ut ceteris in rebus Augusti Caesaris felicitatem imitatus uideris, sic quoque et optimarum artium studio, quo illum<sup>1</sup> ualde inflammatum fuisse memoriae proditum est.

Nec certe dubito quin me temeritatis arguendum facile omnes putent, qui de materia, quamuis per se ampla et magnifica, orationem tamen horridam et incultam ad tuam celsitudinem deferam; sed audaciae crimen mea erga te pietas facile excusabit, praesertim cum Regius animus quodcumque leue munus pro magno accipit.

Igitur me, meumque candidatae philosophiae munusculum tibi deuoueo. Bani itaque consulas, quaeso, quando id feci audacius, singulari tua humanitate, et commemoranda beneficentia prouocatus.

Faxit Deus Optimus Maximus ut, una cum pietatis Christianae incremento, crescat tibi incolume auitum regnum.

Vale, Rex inuictissime, et litteras, quod facis, ama.

---

<sup>1</sup> illum ] ille *omn.*

[2]

AO INVICTÍSSIMO D. JOÃO III,  
SERENÍSSIMO REI DE PORTUGAL,  
SAÚDA HILÁRIO MOREIRA

Esta despretensiosa oração, por mim proferida nesta vossa muito próspera Academia, sobre o louvor das disciplinas e que vai sair a público, a que patrocínio há-de acolher-se senão ao vosso, Rei Piedosíssimo e glória única do nosso século, que sois o patrono das letras e fizestes emergir das trevas, no nosso Portugal, as artes liberais?

Com que título e auréola se escudará, senão com os daquele que me animou a voos mais altos, mandou incluir-me no número dos seus, me incitou a regressar às antigas ocupações e me amparou com estipêndio bastante?

Vós sois, com efeito, ὃς περὶ μὲν ἐστὶ νόον βροτῶν.<sup>1</sup>

Na verdade, assim como parece que, em tudo o mais, imitastes a felicidade de César Augusto, assim pareceis tê-lo imitado também no interesse pelas belas artes, interesse que muito o entusiasmou, segundo diz a tradição.

Não duvido, por certo, que todos entendam ser fácil arguirem-me de temerário, a mim que, sobre uma matéria de si mesma o mais vasta e sublime, venho todavia apresentar a Vossa Alteza uma oração horrída e inculta, mas, desta temerária audácia, facilmente me desculpará a minha piedade para convosco, sobretudo porque o espírito régio recebe, como grande, qualquer leve serviço.

Ofereço-vos pois a minha pessoa e este insignificante trabalho que vos apresento sobre a filosofia. Dai-lhe a vossa aprovação, se vos apraz, posto que eu tenha sido um tanto audaz, excitado pela vossa singular brandura e inesquecíveis benefícios.

Que Deus Ótimo Máximo faça que, juntamente com o crescimento da piedade cristã, cresça incólume o reino que herdastes.

Saúde, Rei Invictíssimo, e amai as letras, como vindes fazendo.

[3]

HILARII MOREIRAE  
DE OMNIVM PHILOSOPHIAE PARTIVM  
LAVDIBVS ET STVDIIS ORATIO

Nihil equidem dubito quin dicendi uis, et ingenii acumen in me desideretur, Rector amplissime, Reipublicae Litterariae Proceres grauissimi, contio studiosissima, ad ea potissimum explicanda, quae huius loci sors et temporis opportunitas, exposcebant.

Ea est siquidem suscepti muneris dignitas, et magnitudo, quam uix ulla dicendi ubertas, ullus ornatissimae orationis splendor satis explicare possit. Praesertim cum has ornatissimas sedes ac subsellia, tot doctissimis uiris referta esse conspiciam, quos, ut in hoc praeclaro dicendi genere, ita in ceteris rebus, principes, mea sententia, non iniuria dicam. In quorum tremendo iudicio, qui<sup>2</sup> labia soluere debuisset, diuina admirabilique eloquentia et singulari quodam splendore praeditum esse debele non eram nescius.

Tamen cum me uel ad Conimbricensem banc Academiam, matrem meam longe dulcissimam, ubi natus et litteris educatus sum, uel ad summam in me beneuolentiam uestrarn, uiri patres, refero, quibus hoc, quantulumcumque est, quod in litteris ualeamus, acceptum referri uolo, nihil est quod de sapientia uestra aut ingenio meo diffidam, quando magis obsequendi studio, quam perficiendi spe id onus subierim.

Hoc enim apud me eruditissimi Domini Cancellarii, doctoris praestantissimi, auctoritas ualere potuit, ut natura mutata, potius ipsi eiusque praeceptis morem gerere, quam meis rebus et mihi ipsi consulere maluerim. [4] Quantum illius auctoritati me pius obtemperandi ardor prouocauit oboedire, tantum permultiplice<sup>3</sup> aestuum moles, longa aegritudine oppressum<sup>4</sup>, uolentem obtemperare deterrebant.

---

<sup>2</sup> qui *E*] quos *PC*

<sup>3</sup> permultiplices] per multiplices *omn.*

<sup>4</sup> oppressum] oppressus *omn.*

[3]

ORAÇÃO  
DE HILÁRIO MOREIRA SOBRE O LOUVOR E ESTUDO  
DE TODAS AS PARTES DA FILOSOFIA

Nenhuma dúvida tenho, por certo, reitor magnífico, sapientíssimos lentes desta República das Letras, assembleia estudantil, de que me falte o vigor oratório e a agudeza de inteligência para explanar devidamente este assunto, de harmonia com as exigências do lugar e as circunstâncias de tempo.

Tal é efectivamente a categoria e importância do encargo recebido, que dificilmente alguém poderá desempenhar-se dele como convém, qualquer que seja a facilidade de expressão e o brilho da oração mais esmerada. Sobretudo depois de ver estes honrosíssimos cadeirais e bancadas cheios de tantos varões doutíssimos, a quem, não só neste brilhante género oratório, mas em tudo o mais, eu chamarei o escol – e isto não por adulação, mas porque é esse o meu pensar. E não ignorava que, quem na sua temível presença houvesse de despregar os lábios, devia ser dotado de divina e admirável eloquência e dum singular brilho estilístico.

Todavia ao dirigir-me a esta Universidade conimbricense, minha mãe muito querida onde nasci e recebi educação literária, ou à vossa extrema benevolência para comigo, respeitáveis varões, a quem quero agradecer o facto do meu valor literário, por insignificante que ele seja, não tenho razão para desesperar da vossa indulgência ou das minhas possibilidades, eu que aceitei este encargo,<sup>2</sup> mais por vontade de obedecer, do que por esperança de realizar obra perfeita.

É que tal poder teve em mim a autoridade do muito erudito Senhor Cancelário, doutor notabilíssimo, que, mudando-me a natureza, preferi obedecer a ele e às suas ordens,<sup>3</sup> mais do que atender aos meus problemas e a mim mesmo. [4] Quanto um ardente e respeitoso empenho de obedecer me impeliu a ser dócil à sua autoridade, tanto a opressão duma longa doença, com múltiplos acessos de febre, afastava a minha vontade da obediência.

Sim, não receei aceitar, de rosto sereno, as ordens, posto que difícilimas, dum tão grande mestre que, dia a dia, com os seus ensinamentos e formação piedosa, me vai libertando das tenebrosas cadeias da ignorância.

Equidem tanti magistri iussa, licet difficillima, mihi sereno uultu non suscipere ueritus sum. Qui me quotidie, e caliginoso ignorantiae uinculo, bonis suis artibus piisque eximit disciplinis.

Quidquid igitur, uiri patres, ultra mearum uirium tenuitatem ausus uel offerre, uel dicere fuero, id omne parendi necessitas excuset. Quum enim uestra animatus fiducia huc ascenderim, non leporem sermonis inquiretis spero, in quo et nos apprime<sup>5</sup> estis eruditi, sed quaecumque meum dicendi genus singulari fauore sustentabitis. Nec nouis ac inusitatis immorabor, ex quibus attentionem petunt rhetores; scio enim summum eos subire discrimen, qui nouis studeant, cum laus, si succedat ad uotum, uituperium si contra, sint in procinctu.

Ea tamen rei est qua de agimus maiestas, ea dignitas, illud fastigium, ut nolentes, uolentes, uos in admirationem rapiat. Agere enim de Republica Litteraria per se magnificum quippiam est et augustum. Quid enim, quaeso, philosophiae disciplinis praeclarius? Quid litterarum studiis delectabilius? Demum quid oratione, quae cum de earum laudibus habebitur, magnificentius et augustius?

Intendat quis modo animi aciem, expendatque ab effectu litterarum culmen.

Quibus, ut scribit Plutarchus, *De liberis educandis*, scire licet quid honestum, quid turpe, quid iustum, quid iniustum et summatim quid eligendum, quid fugiendum; quomodo parentibus, quomodo natu grandioribus, quomodo peregrinis, magistratibus, amicis, uxoribus, ac seruis utendum sit; utque Deos uenerari, parentes honorare, seniores uereri, legibus obtemperare; magistratibus cedere, amicos diligere oporteat, in mulieres seruare modestiam, caros habere liberas, minime seruire cum seruis et, quod maximum est, in prosperis fortunae successibus laetitia non effundi, nec in aduersis casibus [5] tristitia deprimi, nec omnino uoluptatibus esse deditos, nec ita per iracundiam affici, ut belluarum animos induamus.

Quae, Deus bone, litterarum uis! Hae seminaria uirtutum et incunabula, quibus iuuenum animi ad uerae gloriae cupiditatem aluntur, suggerunt: hae ad beate uiuendum adolescentiam commonent, hae senectutem suo uiatico delectant; suntque optimum aerumnarum leuamentum. Secundas res ornant, aduersis perfugium et solacium praebent, domi deiectant, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, et otio amoenissimo rusticantur.

Denique in senectute animum, tanquam emeritis stipendiis, ambitionis, contentionum, cupiditatum, uoluptatum, receptui canere hortantur omniumque rerum securum secum uiuere cogunt.

<sup>5</sup> apprime *EP*] apprimi *LC*

Por conseguinte tudo o que, respeitáveis varões, para lá da fraqueza das minhas forças, eu ousar apresentar ou dizer, que isso tudo o desculpe a necessidade de obedecer.

E visto que foi animado pela vossa confiança que subi a este lugar, espero que não procureis em mim donaires de estilo, no que vós sois primorosamente versados, mas que favorecereis, com a vossa singular benevolência, este meu desprezencioso modo de expressão.<sup>4</sup> Nem me deterei em assuntos novos e fora de uso, de que se servem os retóricos para conciliar a atenção, pois sei que quem se interessa por coisas novas, se sujeita a uma muito arriscada alternativa: a que desfechem sobre si louvores, se é bem sucedido, vitupérios, se pelo contrário.

Tal é contudo a majestade e nobreza da matéria de que tratamos, tal a sua altura que, queirais ou não, vos arrebatará de admiração.<sup>5</sup>

Com efeito, tratar da república literária é, de per si, algo de magnífico e augusto. Que mais notável do que as disciplinas da filosofia? Que mais deleitável do que o estudo das letras? Finalmente, que mais magnificente e augusto do que a oração que se proferir em seu louvor?

Apreste-se agora a agudeza da inteligência e desvie-se o seu gume do efeito literário.

É a nós que, como escreve Plutarco no livro *Sobre a educação dos filhos*, é possível saber o que é honesto, o que é torpe, o que é justo, o que é injusto e, em resumo, o que deve escolher-se, o que deve evitar-se; como se deve proceder com os pais, com as pessoas de idade, com os peregrinos, magistrados, amigos, esposas e criados; como é mister venerar os deuses, honrar os pais, respeitar os mais velhos, obedecer às leis, ceder aos magistrados, estimar os amigos, observar a modéstia em relação às mulheres, ser solícito com os filhos, não usar de atitudes servis com os servos e – o que é o máximo – não trasbordar de alegria nos sucessos prósperos da fortuna, nem nas adversidades se deixar deprimir pela tristeza; [5] não nos entregarmos totalmente aos prazeres, nem nos deixarmos dominar pela ira, a ponto de nos assemelharmos aos animais.<sup>6</sup>

Como é grande, bom Deus, o poder das letras! É nelas que se semeiam e embalam as virtudes, é nelas que o espírito dos jovens sorve a paixão da verdadeira glória; são elas que advertem a adolescência a viver com dignidade, são elas que deleitam a velhice com o seu viático, e são o melhor alívio das desditas. Realçam a prosperidade, fornecem um refúgio e consolo na adversidade, deleitam em casa, não estorvam fora, pernoitam e viajam conosco e acompanham-nos no ócio ameníssimo do campo.<sup>7</sup>

Finalmente, na velhice, exortam o espírito a que, como recompensa merecida, se veja livre da ambição, da luta pela vida, da paixão, dos prazeres, e forcem-no a viver consigo, livre de todas as coisas.<sup>8</sup>

Nada há pois, cultíssimos ouvintes, mais brilhante que o esplendor das artes liberais, o qual, se não for ofuscado pela minha oratória, irá conciliar-me a vossa melhor atenção.



Itaque nihil est, auditores humanissimi, bonarum litterarum splendore illustrius, qui, si a me dicendo non fit deterior, uestras mihi aures attentissimas comparabit.

Vetustissimam igitur philosophiae originem, ut hinc initium faciamus, contenderunt Romanae facundiae principes, studiorum omnium cupidissimi perquirere, omnemque conatum, abditissima quaeque peruestigantes, ad eam penitus inueniendam adhibuerunt, ut id quod industria sua et labore comperissent, posteritati scriptum relinquerent. Quod sane inter plurimos potissimum efficit M. Cicero, eloquentiae parens disertissimus et eloquentissimae philosophiae studiosissimus. Qui philosophiam, a Graecis inuentam, Latinis litteris excolere atque illustrare conatus est. Nec usque adeo sibi suisque indulsit, ut non Graecis aliquando referret acceptum.

Quandoquidem philosophia omnis, id est, omnes liberales disciplinae diu a solis Graecis tractatae, excultae, ac illustratae fuere, cum Romani Latinique arma magis quam studia litterarum exercerent et, dominandi libidine, imperium magis quam disciplinas obtinere meditarentur.

Illam autem purioris sapientiae disciplinam, qua Graeci ceteris longe praecelluerunt, sophiam, quae nunc philosophia muncupatur, appellitarunt, et qui hanc [6] modestissime profitebantur, sophi, id est, sapientes appellati sunt.

Pythagoras primus philosophiae nomen indidit, seque philosophum, id est, sapientiae studiosum nominauit; a quo Italicum philosophiae genus emanauit, quod philosophiae domicilium in Italia diutissime excoluerit, cum philosophia Ionica ab Anaximandro, Thaletis Ionici discipulo, ut testatur Diogenes Laertius, antea effluerit.

Ceterum, cum in dies Graecorum ingenia magis efflorescerent et litterarum studia auidius excolerentur, apud Athenienses illos catos atque legiferos emporium philosophorum constitutum est. Illic Academia Platonis, Lyceum Aristotelis, et Porticus Zenonis floruerunt. Ex ea illustrissima ciuitate complures philosophorum sectae, tanquam ex equo Troiano innumeri principes, prodierunt. Illinc Academici, illinc Stoici, illinc Peripatetici nomen sortiti exilierunt.

Sed quid tot philosophos, optimi genii dexteritate bene natos, ad quamlibet disciplinam degustandam propensiores ad discendumque<sup>6</sup> promptissimos et inexplabiliter inhiantes ad capessendas philosophiae disciplinas, impulit, concitauit et acrius exstimulauit!<sup>7</sup> Sane diuinum quoddam numen quo, diuinitus afflati, amarem ueritatis inspiciendae omnium maximum, perquirent et, quam dulcis sit et beata philosophiae possessio, aliquando intelligerent. Cuius excellentiam, dignitatem, ac perfectionem,

<sup>6</sup> ad discendumque *PC* ] addiscendumque *EL*

<sup>7</sup> exstimulauit *PC* ] stimulauit *EL*

Sobre a antiquíssima origem da filosofia, para começarmos por aqui, disputaram os príncipes da eloquência romana, ansiosos por tudo investigar, e empregaram todo o esforço por descobri-la totalmente, explorando até as coisas mais recônditas, para deixarem por escrito à posteridade o fruto do seu trabalho.

Neste aspecto destaca-se particularmente, entre muitos, M. Cícero, o muito facundo pai da eloquência e em extremo devotado à grandiloquente filosofia, esforçando-se por cultivar e abrilhantar, nas letras latinas, esta descoberta dos gregos. E não levou a condescendência consigo mesmo ou com o seu povo até ao ponto de não deixar transparecer, algumas vezes, a sua gratidão àqueles. Na verdade, durante muito tempo, só os gregos é que estudaram, aperfeiçoaram e abrilhantaram a totalidade da filosofia, ou seja, todas as artes liberais, enquanto que os romanos e latinos se exercitavam mais nas armas do que no estudo das letras e, levados pela ambição do domínio, preocupavam-se mais com a aquisição do império, do que com a instrução.

E àquela disciplina, constituída por uma mais pura sabedoria – no que os gregos ultrapassariam em muito os restantes – que hoje dá pelo nome de Filosofia, começaram a chamar-lhe *sophia*; àqueles que, [6] com tanta modéstia, a ela se aplicavam, deram-lhes o nome de *sophi*, isto é, sábios.

Pitágoras foi o primeiro a pôr-lhe o nome de filosofia e a si mesmo se chamou filósofo, ou seja, o que tem interesse pela sabedoria. Dele proveio a filosofia itálica, por ter sido na Itália onde, por longo tempo, assentou arraiais o seu ensino da filosofia, embora a filosofia jónica tenha provindo anteriormente de Anaximandro, discípulo de Tales de Mileto,<sup>9</sup> como atesta Diógenes Laércio.

De resto, como o génio grego ia desabrochando de dia para dia e o estudo das letras se intensificava mais, é entre aqueles atenienses perspicazes e legisladores<sup>10</sup> que vem a fixar-se o monopólio da filosofia. Ali floresceram a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e o Pórtico de Zenão. Desta celeberrima cidade saíram muitas escolas de filósofos, como do cavalo de Tróia os inumeráveis chefes. Dali saíram os que deram pelo nome de Académicos, Estoicos, Peripatéticos,

Mas o que foi que impeliu, excitou e estimulou, com tal ardor, tantos filósofos, afortunadamente nascidos sob a protecção do melhor génio, tão propensos a saborear qualquer disciplina, mais que prontos a aprender e insaciavelmente ansiosos por abarcar as disciplinas da filosofia? Certamente algum poder divino,<sup>11</sup> sob cuja inspiração aprofundassem o interesse pela investigação da Verdade, o maior de todos, e viessem a compreender a doçura e felicidade de possuírem a filosofia.

E que ninguém julgue vir a alcançar alguma vez a excelência, dignidade e perfeição desta – no que excede as restantes artes – sem a ajuda duma inspiração divina. Do que, com grande beleza, nos adverte, no *Timeu*, o divino Platão que tão afeiçoado foi à verdade. A filosofia, diz, é a única dádiva dos deuses.<sup>12</sup> Por isso chama divinos a todos os filósofos. Nem é irreflectidamente que Platão, nos seus escritos, põe tal pensamento na boca de Sócrates.

Com efeito a linhagem dos filósofos não é muito mais fácil de discernir do que a dos deuses. A todos os filósofos que o são de verdade e não de aparência, a

qua ceteris praestat artibus, nemo diuina non adiutus inspiratione, se putet aliquando assequuturum. Quod diuinus ille Plato, ueritatis amicissimus, in *Timaeo* perpulchre commonefacit; philosophia, inquit, unicum deorum est munus. Omnesque ibidem philosophos diuinos appellat. Nec abs re, apud Platonem, id sensit Socrates.

Nam philosophorum genus haud multo facilius quam deorum discernitur. Omnes enim quicumque non fecte, sed uere philosophantur, propter aliorum inscitiam, omniformes apparent dum ciuitates circumeunt et, quasi ab excelso quodam speculo, inferiorum uitam prospectant. Quorum officium est diuina nosse, [7] gubernare humana. In illo contemplatiua philosophia, in hoc actiua deprehenditur. Philosophus itaque primo diuinam, id est, absolutam ipsius boni naturam per sapientiam contemplatur, deinde ad id bonum, uelut ad finem, humanas operationes dirigens, humana gubernat.

Quod, nisi philosophi dominantur, aut qui gubernant Rempubicam, diuina sorte philosophentur, protinus genus humanum periclitabitur.

Quapropter, cum philosophia non sit angustis finibus circumscripta, sed latissime pateat et, pedissequis suis comitata, orbem illum doctrinarum complectatur qui encyclopaedia dicitur, primum sibi locum ad disserendum uindicet obtineatque oportet.

Quam nihil peraeque extollit facitque admiratione dignam, quam eius praecipuum munus, indagatio scilicet, atque inuentio ueritatis.

Cuius ubique Plato studiosus atque auidus indagator, limites seruauit ut debuit; curo de rebus diuinis humanisque dissereret, negauit eas artes sapientis esse, quae plerumque uitae inseruiunt, siue illae necessariae, siue utiles, siue elegantes, siue ludicrae, siue auxiliares sint.

Propriam uero artem esse philosophi, non cathedrarii, sed ueri et antiqui, qui, discendi cupidus, dum peregrinas peragrat regiones, minime de pastu corporis anxius et molestus, ab unoquoque tam excellentis nominis admiratore, non minus quam amici certatim excipitur.

Haec est uirtus ea quae, ut Theophrastus inquit, nos in alienis locis prohibet uideri peregrinos uel, necessariis amissis, amicorum inopes, sed quamcumque adierimus ciuitatem, ea nos amplissime donat.

Haec uitae dux est, uirtutis indagatrix ac uitiorum expultrix, sicut a M. Tullio proditum nouimus; estque inuentrix legum, magistra morum et disciplinae, quam, si ex conuiuuiis exigendam censeas, amplius longe peccaris [8] quam si lucernam restinxeris.

Praeclaro philosophiae nomine, praesignes multi, in una bac, quasi tabernaculum uitae suae collocarunt, uelut plane sit benefactorum omnium mater, et suauissima hominum uita, sine qua nihil existit, ad quam confugiendum est tanquam ad sacram ancoram, a qua petendum subsidium, cui iugiter inuigilandum, in qua magnum ponendum animi studium et a qua efflagitandum senectutis uiaticum.

incapacidade destes destaca neles todas as formas de competência e saber, quando passam pelas cidades e contemplam a vida do vulgo como dum alto espelho. O seu múnus é conhecer as coisas divinas, [7] dirigir as humanas. Num caso temos a filosofia contemplativa, noutra, a activa.<sup>13</sup> Portanto o filósofo contempla primeiro, pela sabedoria, a natureza divina, ou seja, a natureza absoluta do próprio bem; depois, orientando as operações humanas para esse bem, como para o fim, dirige as coisas humanas.<sup>14</sup>

E, se o poder não estiver na mão dos filósofos, ou os que governam o estado, por determinação divina,<sup>15</sup> não procederem como filósofos, depressa o género humano correrá perigo.

Por conseguinte, visto que a filosofia, não se circunscreve em horizontes estreitos, mas se expande por um terreno muito vasto e, na companhia das suas aias, abarca todo esse anel de matérias que se chama enciclopédia, é preciso que para si reclame e consiga um lugar primacial na dissertação. E nada há igualmente que tanto a eleve e torne digna de admiração como o seu principal múnus, a saber, a procura e a descoberta da verdade.<sup>16</sup>

Platão, que sempre a isto se dedicou e de que foi um investigador ávido, respeitou-lhe os limites, como era seu dever. Ao dissertar sobre as coisas divinas e humanas, afirmou que não eram próprias do sábio aquelas artes que, na maior parte dos casos, estão subordinados à vida, quer sejam necessárias, úteis, elegantes, recreativas ou auxiliares, mas que sua arte própria era a do filósofo, não do que ensina de cátedra, mas do verdadeiro e antigo que,<sup>17</sup> na ânsia de aprender, enquanto percorre terras estranhas, sem se preocupar nem incomodar de forma alguma com os cuidados do corpo, é recebido, à porfia, por todos os admiradores de tão excelente nome, tão bem como os amigos.

É esta aquela virtude que, como diz Teofrasto, nos coíbe de parecer peregrinos em terras alheias ou privados de amigos, depois de perdidos os mais íntimas, mas nos abre de par em par qualquer cidade em que entremos.<sup>18</sup>

É ela que dá orientação à vida, busca a virtude e expulsa os vícios tal como ensinou M. Túlio; é a inventora das leis, a mestra dos costumes e da disciplina, e procederia muito pior do que se apagasse uma lanterna quem pensasse [8] dever expulsá-la do convívio social.

Sob o prestígio do nome da filosofia, muitos e notáveis homens colocaram nela como que o tabernáculo da sua vida, como mãe que é de todo o bem e vida suavíssima dos homens, sem a qual nada existe, para quem se deve fugir como para uma âncora sagrada, a quem se há-de pedir auxílio, a quem há que estar continuamente atento, em quem se deve pôr um grande interesse e a quem há que solicitar o viático da velhice.<sup>19</sup>

Por isso chamemos sempre filosofia não à enfatuada, não à que se perde em disputas altercatórias, mas àquele amor da sabedoria que os gregos chamaram οὐρανόσκοπος,<sup>20</sup> isto é, voltado sempre para o céu. Sim, esta filosofia que busca

Quare philosophiam semper uocemus, non tumidam, non contentionibus altercatoriis elatam, sed sapientiae illum amorem, quem Graeci οὐρανόσκοπος dicunt, quasi in caelum semper arrectum. Haec denique philosophia sublimipeta, quam ob id docti et pii uiri οὐρανόφρωνα uocauerunt, non modo ξεναγωγός, sed etiam ψυχαγωγός Christianis esse solet. Cuius studium, animas, a cogitatione rerum sensibilibum abductas, ad sublimium speculationem subuehit et, mirificis diuini studii illectamentis, eo tandem perducit quo animae suapte natura et condicione uergunt. Hanc philosophiae excellentiam, eius partium singularis commendatio planius ostendit.

*Grammatica*

Nam et linguam componit uoces formare, formatas denique congrue eloqui<sup>8</sup> instruit, ita ut certam sententiam dilucide repraesentent. In tenui, ut ait Maro, labor est, at tenuis non gloria, nec mediocre pretium operae, posse animi sensa citra ambiguitatem efferre.<sup>9</sup>

Nam quibus haec philosophiae pars, cuius obseruationem grammaticam uocamus, non satis familiariter nota est, ii, quia temere congerunt uoces, quod sentiunt non possunt explicare, sed dant sine mente sonum et, inani quodam strepitu, aures obtundunt perinde ac fluctus litora ferit.

Legitur de Cadmo, ab Agenore patre misso ad quaerendam Europam a Ioue raptam, cum iuxta Hippocrenem fontem sub tristis, ac meditabundus recumberet, sedecim litterarum characteres ibidem adinuenisse,<sup>10</sup> quibus Graecia primo, deinde omnis posteritas usa est.

Quae litterae in syllabas coactae, a uocalibus animatae, dictiones constituunt, ex [9] quibus integerrima conflatur<sup>11</sup> oratio.

Quam sunt autem explodendi stolidi isti qui grammaticae negotium facessunt! Deus bone, perinde ac si non sit grammaticus qui litteratus. Quasi Hippocratis libras nobiles, olim grammatici, quos enumerat Erotianus, non diligenter sint interpretati!

Miror profecto uiles quosdam homunculos sese istius partis peritia censere, qui ne a limine, quod aiunt, litteras unquam salutarunt, tantum abest, ut abditissima quaeque auctorum loca possint dilucide explicare.

Est ergo in puerilibus studiis inprimis opera danda, ut sermonem sibi quisque perspicuum et planum paret, quo expromere animi cogitata sine ambiguitate possit. Indigni mihi hominis uocabulo uidentur qui, quoties res seriae<sup>12</sup> orationem flagitant, tanquam κῶφα πρόσωπα in comoediis, nullam uocem edere possunt. Saepe etiam comperi pueros, cum selectorum uerborum

<sup>8</sup> eloqui *PEC* ] eloquio *L*

<sup>9</sup> efferre *PE* ] afferre *CL*

<sup>10</sup> adinuenisse *PEL* ] ad inuenisse *L*

<sup>11</sup> conflatur *PE* ] constatur *CL*

<sup>12</sup> seriae *P* ] serie *ECL*

o sublime e que, por causa disso, foi pelos doutos e pios varões chamada οὐρανόφρωνα,<sup>21</sup> para os cristãos costuma ser não só ξεναγωγός,<sup>22</sup> mas ainda ψυχαγωγός.<sup>23</sup>

As almas que retirou do pensamento das coisas sensíveis, o seu estudo leva-as à especulação do sublime e, por meio dos maravilhosos atractivos dum tão alto estudo, conduz, por fim, a um ponto tal em que as almas, por sua natureza e condição, se rendem.

Esta excelência da filosofia mostra-la-á mais claramente a apreciação de cada uma das suas partes.

É ela, com efeito, que prepara a língua para articular palavras; proferidas estas, dispõe-nas numa conveniente elocução, de modo que representem uma proposição clara.

*Gramática*

As coisas pequeninas, como diz Marão, exigem trabalho,<sup>24</sup> mas não é pequena a glória nem medíocre o valor de poder apresentar-se, sem ambiguidade, o sentido do que se pensa.

Ora aqueles a quem não é suficientemente familiar o conhecimento desta parte da filosofia a que chamamos *gramática*, esses, porque amontoam palavras ao acaso, não podem explicar o que sentem, mas proferem sons sem sentido e, com um ruído oco, aturdem os ouvidos, tal como a onda bate na praia.<sup>25</sup>

Lê-se a respeito de Cadmo que, tendo sido enviado pelo pai Agenor à busca de Europa, raptada por Júpiter, tendo-se sentado triste e meditabundo junto da fonte de Hipocrene, ali encontrara os dezasseis caracteres das letras,<sup>26</sup> de que usou primeiro a Grécia e depois toda a posteridade.

Estas letras, reunidas em sílabas, vivificadas pelas vogais, formam os vocábulos, [9] com que se compõe a oração mais completa.

Como devem censurar-se esses insensatos que desprezam a gramática!<sup>27</sup> Bom Deus, como se gramático não seja o mesmo que literato! Como se não fossem os gramáticos que Erociano enumera, quem outrora, com toda a diligência, interpretou os afamados livros de Hipócrates!

Admiro-me, na verdade, que se tenham por peritos em tais assuntos certos homenzinhos vulgares que, como costuma dizer-se, nunca saudaram as letras,<sup>28</sup> nem sequer do limiar; tão longe estão de poderem explanar, com clareza, quaisquer passagens mais intrincadas dos autores.

No estudo a proporcionar às crianças deve, por conseguinte, prestar-se atenção sobretudo a que cada uma adquira uma linguagem clara e chã, com que possa, sem ambiguidade, manifestar o pensamento.

Parecem-me indignos do nome de homens aqueles que, sempre que graves circunstâncias lhes exigem o uso da palavra, tal como as κῶφα πρόσωπα<sup>29</sup> nas comédias, não são capazes de abrir a boca. Muitas vezes mesmo encontrei rapazes com grande abundância de termos seleccionados, mas, porque não conheciam o processo acertado de elaborar uma oração,<sup>30</sup> não ousavam falar. Para estes todo o

magnam haberent copiam, tamen, quia certe contexendae orationis rationem non norant, non esse ausos loqui, quibus opera omnis collata in litteras unam hanc ob causam perierat, quod grammaticam pedetentim non didicerant.

Quare diu mihi in hac philosophiae parte puer detinendus uidetur, dum omnes formulas coagmentandarum uocum cognouerit, et tanquam architectum orationis profiteri se ausit.<sup>13</sup> Nam haec ars et orationis cohaerentiam inquirat et indebitae pronuntiationis luxuries quasi falce coerces.

Et quae uel sola, omni studiorum genere, plus habet operis quam ostentationis.

*Dialectica*

Dialectice uero aptissimum sane ueri inueniendi organum, cuius sumus homines amantissimi, quam non nulli disputatricem dixerunt, alii logicen, et senio attingendam dixit Plato. Promptam et expeditam disserendi rationem de unoquoque probabili themate sibi uindicat, quae in uniuersum de rebus omnibus agit, sua aliis disciplinis instrumenta accommodans, qua instructi, ad pertingendas [10] altiores disciplinas, facilem habent aditum.

Quod collaudans Cicero, sub persona Crassi primo *De Oratore* cecinens, inquit: adhibita est ars quaedam ex alio genere quodam, quod sibi totum philosophi assumunt, quae rem dissolutam, diuulsamque conglutinaret et ratione quadam constringeret.

Et profecto nulla disciplina, citra dialecticam, perfecte acquiri potest, cuius ministerio primi homines perfectius sibi proposita expeditent, et expeditius quid ueri aut falsi, boni aut mali in eis contineretur, explorarent.

Sic Augustinus, 8 *De Ciuitate Dei*, quemadmodum, inquit, in rerum causis aut uitae moribus ueritas ipse quaeratur, logica disputat.

Quae figuratim est ille fluuius Phison, de quo *Geneseos*, 2; ipse est qui circumit omnem terram Heuilah, ubi nascitur aurum sapientiae. Instar gyri uel circuli, qui apud geographos figura capacissima est, omnia ambit.

Ergo uide arcum et benedic qui fecit illum; speciosus est in splendore suo. Est enim quasi arcus refulgens inter nebulas sapientiae, iaciens sagittas ueritatis contra hostes falsitatis. Quod, de se ipsa, his uerbis palam profitetur: frustra doctores, sine me, coluere sorores.

Quem illius usum breuiter subicit Augustinus in libro *De doctrina Christiana*: Dialectica clavis est argentea auri thesaurum reserans, sine qua nullae, et cum qua omnes scientiae acquiruntur.

Quam proinde Crassus necessariam esse putat formandis artibus, quamque cupit esse in iurisconsultis.

Sed deapidissimo huius omnium ministrae fructo gustandum est, non tamen ingurgitandum; in cuius, ut scribit Plato in *Gorgiam*, non est consensendum gyris atque Maeandris tanquam apud Sirenaeos scopulos.

<sup>13</sup> profiteri se ausit *PEC*] se ausit profiteri *L*

esforço despendido com as letras se perdera, devido a esta única causa – o facto de não terem aprendido paulatinamente a gramática.

Eis por que me parece que a criança se deve deter demoradamente nesta parte da filosofia, até conhecer todos os processos de reunir as palavras, e ousar apresentar-se como um arquitecto da oração.<sup>31</sup> É que esta arte não só busca a coerência da oração, mas também corta, à maneira duma foice, os exageros duma locução defeituosa por exuberante.

E em toda a espécie de matérias, é ela a única que tem mais obra do que aparato.<sup>32</sup>

Agora a Dialéctica, que é o mais apto instrumento para encontrar a verdade, coisa de que nós os homens gostamos muito. Uns chamam-lhe disputadora, outros lógica,<sup>33</sup> e Platão disse que vinha a ser alcançada na velhice.<sup>34</sup> Reivindica um rápido e expedito sistema de dissertação sobre qualquer tema oportuno; debruça-se, em geral, sobre todos os assuntos, acomodando o seu processo às outras disciplinas, [10] e os que com ela se preparam têm acesso fácil às mais árduas matérias.

*Dialéctica*

Cícero refere-se-lhe, elogiosamente, no livro 1.º do *De Oratore*, ao dizer com felicidade pela boca de Crasso: usou-se uma arte dum outro género, cuja invenção os filósofos totalmente reivindicam, destinada a aglutinar as coisas desunidas e fraccionadas e a encadeá-las numa determinada ordem.<sup>35</sup>

E realmente nenhuma disciplina se pode adquirir com perfeição sem a dialéctica; por seu intermédio os antigos, que a usaram, desenvolviam melhor os assuntos que lhes eram propostos e examinavam mais desembaraçadamente o que de verdadeiro ou falso, de bom ou de mau neles se continha.

Por isso Santo Agostinho, no livro 8.º da *Cidade de Deus*, diz: «A lógica discute como se procura a verdade nas causas das coisas ou nos usos da vida».<sup>36</sup>

Dum modo figurado é aquele rio Fison de que fala o *Génese*, 2: É ele que cerca toda a terra de Hevilah, onde nasce o ouro da sabedoria.<sup>37</sup> À semelhança da circunferência ou do círculo, que para os geógrafos é a figura mais rica, tudo cerca.

Vê pois o arco e bendiz a quem o fez; é belo no seu esplendor.<sup>38</sup> É como um arco que brilha entre as nuvens da sabedoria,<sup>39</sup> lançando as setas da verdade contra a falsidade dos inimigos. O que ela, de si mesma, publicamente proclama com estas palavras: em vão, sem mim, os mestres honraram as minhas irmãs. Deste seu uso fala Santo Agostinho, em breves palavras, no livro *Da Doutrina Cristã*:<sup>40</sup> «A dialéctica é uma chave de prata que abre um tesouro de ouro; sem ela, nenhuma; com ela, todas as ciências se adquirem».

Por isso Crasso a julga necessária para informar as artes e deseja-a nos juriconsultos.<sup>41</sup>

Mas o fruto delicioso desta pública escrava de todos deve saborear-se, não porém até à saciedade. Como escreve Platão no *Górgias*, não se há-de envelhecer nos seus rodeios e meandros, como junto dos rochedos das sereias.<sup>42</sup>



*Eloquentia*

Quam quia neruos omnes et totius orationis robur ipsa suggerit primasque ducit lineas, rethoricae uero uiuos addit colores, propterea eloquentiae finitimam esse asseruit Cicero; et Zeno ille, a quo disciplina stoicorum est, manu demonstrare solebat hoc inter eas artes interesse, [11] quod in manu hominis, pugnus astrictus a palma distenta differt.

Hac breui oratione argumenta concludit: illa facundiae campos copioso sermone discurrit; dialectice, ad inueniendum promptior et acutior, raros et studiosos requirit; rethorice ad inuenta dicendum facundior frequenterque procedit in turbas.

Sicque concludit Cicero in *Paradoxis*: nihil est tam incredibile quod non dicendo fiat probabile; nihil tam horridum, nil tam incultum quod non splendescat oratione.

Haec facultas, suis cumulata dotibus, non nisi in bonis uiris esse potest. Ea est quae gloriosos extollat, effrenatis moderetur, innocentes absoluat, segnes ac timidos erigat, et ad omnia ardua cuiusuis animum promptissimum conuertat.

Quae res Demosthenis exemplo facilis est confirmatu; quippe solus ipse Athenienses in Philippum Macedonum regem, quamuis in se concitos, irritauit. Deinde Byzantiis, et Perintiis a Macedonibus lacessitis, praesidia ferenda ab eisdem, illis persuasit, oblitterata memoria eorum quae bello sociali utraque ciuitas gesserat. Post haec, per omnem Graeciam delatus, cunctas fere Graecas ciuitates in Philippum dicendo commouit.

Quid pro Lucio Flacco? Quid pro Murena? Nonne eos, uario crimine accusatos et multorum testimoniis conuictos ac propterea iam iam multandos, ipse Cicero dicendo liberauit?

In causa Ligarii, quae apud Caesarem dictatorem agebatur, fertur Caesar eo animo fuisse, ut omnino Ligarium esset condemnaturus.

At, cum defensurus Cicero aduentasset, dixit Caesar amicis: reum quidem damnar<sup>14</sup> certissimum est, audire tamen Ciceronem nihil prohibet. Sed pulchrum est nunc referre quid deinde acciderit. Incipit iam Cicero; audiebat Ciceronem Caesar, sed nihil adhuc exordio illo mouebatur; at ubi Cicero aliquanto uehementius in dicendo incaluit adeo Caesar ui illa dicendi commotus est, ut statim condemnandi [12] propositum mutaret, totoque excusso corpore, libellos quos manu tenebat, prae indignatione eiiceret et reum, Ciceronis oratione persuasus, liberarit. Iam orator quas non egit causas florente Roma in imperii fastigio?

Si Ciceroni credimus, M. Crassus in causa M. Curii, tam multa contra scriptum pro aequo et bono dixit, ut Q. Scaeuolam in iure peritissimum, obrueret exemplorum et argumentorum copia.

<sup>14</sup> damnari ] damnare omn. (iam in Cataldo reperitur)

E, visto que esta sugere toda a nervura e a solidez que deve possuir qualquer oração e orienta o esquema geral, dando ainda vivacidade de colorido à retórica, por isso Cícero afirmou que era vizinha da *eloquência*,<sup>43</sup> e o célebre Zenão, de quem vem a doutrina dos estóicos, costumava demonstrar, com a mão, que a diferença entre estas artes [11] era a que há, na mão do homem, entre o punho fechado e a mão aberta.

Termina as suas considerações com esta curta frase: aquela percorre, com estilo copioso, os campos da facúndia ; mais rápida e mais subtil na invenção, a dialéctica exige raridades e homens de aplicação; a retórica é mais redundante na expressão do pensamento e com assiduidade avança até às multidões.

E desta forma conclui Cícero nos *Paradoxos*: nada há tão incrível que a oratória não faça aceitável; nada tão desordenado e inculto que não adquira brilho mediante a oração.<sup>44</sup>

Este poder, completado pelos seus dotes próprios, não pode existir senão nos homens de bem. É ele que põe em destaque os homens gloriosos, modera os violentos, absolve os inocentes, anima os pusilânimes e tímidos e, com a maior rapidez, faz voltar o espirita de quem quer que seja para tudo o que exija esforço.

Do que nos dá uma fácil confirmação o exemplo de Demóstenes; foi ele só, com efeito, que excitou os atenienses, apesar de irritados consigo próprios, contra Filipe, rei da Macedónia. Em seguida persuadiu os povos de Bizâncio e Perinto, a quem os macedónios tinham procurado atrair, de que deviam tirar-lhes os presídios, depois de lhes ter apagado da memória os feitos belicosos de ambas as cidades. Depois disto, percorrendo a Grécia inteira, com a sua eloquência, pôs em movimento, contra Filipe, quase todas as cidades gregas.

E o que fez ela a favor de L. Flaco? E a favor de Murena? Porventura não os libertou o próprio Cícero com a sua eloquência, a eles acusados de vários crimes e convencidos por tantos testemunhos e, por isso, já prestes a serem castigados?

No processo de Ligário que decorria sob as vistas de César então ditador, diz-se que a disposição de César era condenar Ligário inexoravelmente. Como, porém, Cícero tivesse aparecido para o defender, César disse aos amigos que não havia dúvidas de que o réu seria condenado, mas todavia nada o estorvava de ouvir Cícero. É belo porém relatar agora o que depois aconteceu: Cícero começa; César escuta Cícero, mas nada o impressiona ainda aquele exórdio. Mas, quando a oratória de Cícero se tornou um pouco mais quente, de tal maneira César se comoveu com aquele vigor oratório, que imediatamente mudou [12] o propósito de o condenar e, com todo o corpo em agitação, deitou fora indignado os libelos que tinha na mão e, convencido pelo discurso de Cícero, absolveu o réu.<sup>45</sup>

Além disso, que causas a oratória não advogou no apogeu do império, quando Roma estava em pleno florescimento?

Se dermos fé a Cícero, M. Crasso, no processo de M. Cúrio, tais coisas disse, guiado pelo equilíbrio do bom senso, contra um texto escrito, que, pela quantidade de exemplos e provas, esmagou Q. Cévola, homem muito versado em direito.<sup>46</sup>

Haec itaque praestat oratoria facultas, quae et in philosophiae partibus enumeranda est. Maximis enim auctoribus credendum est philosophum ab oratore non seiungi, nam uetus quidem doctrina, ut Cicero docet *De Oratore*, eadem uidetur et recte faciendi et bene dicendique magistra.

Neque disiuncti doctores, sed iidem erant uiuendi praeceptores atque dicendi, ut ille apud Homerum Phoenix.

*Matheseum  
quadriuum*

Egressis iam rhetorum officina, contemplatiua philosophiae pars, hoc est, matheseos quadriuum, fors adlubescet, in quo, quasi quibusdam gradibus, ueritatis speculatio ad summum conscendereprehenditur.

Sine quo nemo se putet recte philosophari, quoniam mathematicae disciplinae subsellia quaedam sunt et elementa quibus altiora conscenduntur, et quaedam praeludia ad diuinorum perpensionem.

Quarum speculatio a Platone suscepta est ad cogitationis acumen, quod erigat animum, et ad rerum diuinarum intuitum, aciem mentis exacuat. Qui prohibuisse fertur ne Matheseos ignari suam palestram ingrederentur.

Quamobrem, inquit Alcinous, nisi finis istius gratia mathesin expetere perrexerimus, omnis nostra indagatio recasura in nihilum est, nudior leberide ac cinclo pauperior.

Ceterum initio geometria, ceterarum metropolis, et arithmetica, in mathematicarum album a Pythagora sunt aduocatae, quod ad omnem scientiam omnemque disciplinam capessendam has cum primis accommodas perspexisset.

Denique tanta certe est in his artibus utilitas ut, sine his ducibus et magistris, nihil humanum siue diuinum, nihil inferius siue [11 alias 13] superius, nihil suaue siue absonum percipi cognoscique queat.

At non placet quadragonis trigonos inscribere, caelum palmo metiri, sidera, cum sis humi, enumerare, fata hominum diuinare, symmetriis demum quibusdam tres hominum aetates consumere. Sunt tamen plurima quibus te delectare potes. Nam et modus ipse plurimum affert delectationis, cum uerae sint et iustae scientiae, uitaeque hominum plurimum attulerint emolumentum.

Quo fit ut, optimo sane iure, liberales a maioribus nostris uocatae sint, siue quod ab omni ignorantiae nubilo studiosorum mentes liberarent, siue quod eas, utpote dignissimas ac nihil seruile in se habentes, nulli licebat ediscere, nisi libero liberaliterque educato homini.

*Naturalis  
philosophia*

Reliquum contemplatiuae philosophiae membrum, physice, inquam ut paucis dicam, naturae arcana et inuisibiles rerum uisibilium causas scrutatur, cuius cognitio, ut ostendit Themistius primo *Auscultationis Physicae*, non solum perficit partem illam animae nobis associatam atque complicitam, sed etiam reliquis uiribus plurimum affert utilitatis et ornamentum.

Haec, cuiuscumque entis a natura creati, modo a nobis possibile percipi, ueritatem apprehendere docet, nam caeli et terrae, aquae et ignis causas atque uiuacia semina rerum naturalium plana ratione perstringit; quis sit terrae situs, quae forma, quae circumscriptio, quae maris, universas terras

Tal é o poder da oratória, que é mister juntá-la às outras partes da filosofia. Efectivamente é preciso acreditar em autores do maior peso, para quem o filósofo não se separa do orador, já que a doutrina dos antigos, como informa Cícero no *De Oratore*, parece fundir numa só as duas artes, a saber: bem agir e bem exprimir-se.

Nem havia mestres diferentes, mas eram os mesmos os que ensinavam a bem viver e a bem falar, como o célebre Fénix que aparece em Homero.<sup>47</sup>

Deixando agora a oficina da retórica, talvez venha a propósito falar duma parte da filosofia contemplativa, ou seja, do quadrívio da *matemática*, onde se verifica que a especulação da verdade sobe ao máximo, mas como que por degraus.<sup>48</sup>

E ninguém pense que será bom filósofo sem ele, porque as disciplinas matemáticas são como que degraus e elementos, por meio dos quais se sobe para mais alto, e ensaios para o exame atento das coisas divinas.

Platão aproveitou-as como esprevidadoras da inteligência, visto que o seu estudo excita o ânimo e estimula a penetração do espírito para a intuição das coisas divinas. Diz-se que proibiu de entrarem na sua academia as pessoas ignorantes da matemática.

Por isso Alcínoo diz que, se não continuarmos a servir-nos da matemática com este fim, toda a nossa investigação há-de voltar ao nada, mais nua que a pele da serpente e mais pobre que o fundujo.

De resto a geometria, de que as outras tiram a origem, e a aritmética colocou-as Pitágoras, a princípio, no catálogo das matemáticas, porque se tinha apercebido de que eram sobremodo acomodadas à aquisição de toda a ciência e de toda a educação.<sup>49</sup>

Numa palavra: há tanta utilidade nestas ciências que nada nem humano ou divino, nem inferior ou **[11]**, aliás **[13]** superior, nem suave ou dissonante pode compreender-se ou conhecer-se, se as não tomarmos como guias e mestras.

Embora não seja agradável traçar triângulos dentro de quadrágonos, medir o céu a palmos, contar os astros estando na terra, adivinhar o destino dos homens e por fim gastar três gerações a estabelecer determinadas simetrias, há todavia muitas coisas que podem deleitar-nos. Até o próprio aspecto prático produz grande prazer, visto tratar-se de ciências verdadeiras e exactas e trazerem muita vantagem à vida do homem.

Donde resulta que, de pleno direito, fossem pelos nossos antepassados chamadas liberais, quer porque libertavam a inteligência de toda a núvem de ignorância, quer porque, como disciplinas digníssimas e que em si nada de servil continham, a ninguém era permitido aprendê-las, a não ser ao homem livre e livremente educado.

A outra parte da filosofia contemplativa prescruta fisicamente, para me exprimir em poucas palavras, os segredos da natureza e as causas invisíveis das coisas visíveis.<sup>50</sup> O seu conhecimento, como demonstra Temístio, no primeiro livro da *Auscultação Física*, não só não aperfeiçoa aquela parte da alma a nós associada e unida, mas também traz muita utilidade às outras forças a que serve de adorno.<sup>51</sup>

Ensina-nos a apreender o que há de verdade em qualquer ente criado pela natureza, desde que nos seja possível captá-la, enquanto abarca com um raciocínio claro as causas do céu e da terra, da água e do fogo e os germens vivificantes das ciências naturais. Investiga a posição, a forma, o contorno da terra, o aspecto

*Quadrívio da matemática*

*Filosofia Natural*

ambientis, species et magnitudo, quae fontium atque fluminum natura, quam disparia atque dissimilia genera plantarum et animantium, quae sit origo uentorum, quae vis fulgurum et fulminum inuestigat; unde nocturnae faces flammis coruscantibus et cometae quos uulgus esse putat malorum praenuntios, atque euentus, quos hinc aut sperare solent aut timere mortales, existant; orbium motus, stellarum statae mansiones, cursus lunae<sup>15</sup> positurae, quos uocant aspectus, inquirat, corpusque mobile et caducum speculatur.

*Medicina*

Cui, quia solum accidit sanitas et aegritudo, [10 alias 14] factum est ut e mediis eius uisceribus medicina profluxerit, quae scientia sanitatis est, teste Galeno 4, de differentiis pulsuum, de sanis, aegris et neutris pertractans, ut sanitas conseruetur et amissa reparetur.

Consistit enim indubitanter uita nostra in humorum quadam adaequatione, concordia et amicitia, quam sola medicina, corporis humani seruatrix, efficit, ideoque fracta imbecillaque corpora in integram restituit ualeitudinem.

Quid enim aliud, quam mors, uita haec nostra diceretur, si a prementibus morbis huius medela non liberaremur? Quamobrem recte ab Omnipotente Deo institutum est, qui medicum omnibus fere rebus ad salutem humanam conducentibus ita instruxit, ut, in medendis corporibus collapsis, diuinos potius quam humanos operetur effectus.

Quae utilitas tanti a ueteribus aestimari consueuit, ut, ex Ciceronis sententia, medicina sit Deorum immortalium inuentioni consecrata. Et profecto, si conditor omnium Deus, quos creauit, seruari uult, nulli dubium est medicum ipsum Dei ministrum esse, ut, quos ille creauit, hic, arte diuina diuinitusque exhibita, conseruet incolumes, lapsos curet, et mortales paene a mortuis saepe ad uitam reducat. Quo ex merito, et prisci illi medici, ob eorum admirandam utilitatem, in deorum numerum, uno omnium consensu, collocati sunt.

Medicus enim, si Hippocrati credimus, deus quidam est mortalis, naturae semper a secretis. Sed dicamus iam medicis suum uale.

*Moralis  
philosophia*

Restat actiua philosophia, quae ethicen primo genuit, quam primus Cicero moralem uidetur dixisse, quod mores effingat, et bene uiuendi modum praescribat.

Haec neque lucifuga est, neque iners, nec otii gaudens ueterno, nec desidiose sellularia, ut multi criminantur, quae multorum incurrit odium, quod hominum uitiiis conuiuere non possit; sed dissimulationem, foedam assentationem, desultorias amicitias, id est, nec ueras nec constantes, [19 alias 15] sed tempori inseruientes, anniuersariasque morum mutationes auersatur.

Hanc, cum ad hominem spectet, et nostri cognitio – quod testatur Graecorum illud γνῶθι σεαυτόν – certissimam ad felicitatem uiam sternat, omnes summe reuereri debent.

<sup>15</sup> lunae ] luminae *omn.*

e a grandeza do mar que cerca toda a terra, a natureza das fontes e dos rios, a disparidade e dissemelhança dos géneros de plantas e animais, a origem dos ventos, a potência dos raios e coriscos, a origem dos meteoros e dos cometas que o vulgo julga precursores de desgraças, e a dos acontecimentos que os mortais costumam esperar ou temer deles. Indaga o movimento da esfera, as posições fixas das estrelas, as mudanças da Lua, a que chamam fases, e presta atenção cuidadosa ao corpo móvel e caduco.

E a este, porque só a saúde ou a doença lhe podem sobrevir, [10, aliás 14] daí *Medicina* que, do meio das suas entranhas, tenha dimanado a *medicina* que, no testemunho de Galeno, livro 4.º, é a ciência da saúde, que tem por objecto as diferenças de pulsações, o estudo do que é são, do que é doentio, do que é indiferente para a conservação da saúde e para a sua recuperação depois de perdida.<sup>52</sup>

A nossa vida está, sem dúvida alguma, numa espécie de ajustamento, concórdia e amizade dos humores, o que só a medicina realiza, na qualidade de defensora do corpo humano. Eis porque restitui a saúde completa a corpos alquebrados e sem forças.

Que outra coisa, senão morte, poderia chamar-se a esta nossa vida se, por seu intermédio, não fôssemos libertados das opressoras doenças?

Por isso é que Deus todo poderoso, que proveu o médico de quase tudo o que é útil à saúde dos homens, sabiamente determinou que, na cura dos corpos doentes, aquele obtivesse resultados mais divinos que humanos.

E os antigos tinham em tanto apreço a sua utilidade que, segundo Cícero, a medicina foi uma célebre descoberta dos deuses imortais.<sup>53</sup> E, na verdade, se Deus, criador de tudo, quer conservar as suas criaturas, ninguém duvida de que o próprio médico seja ministro de Deus, a fim de que, por arte divina e divinamente exercida, as conserve incólumes, cure os que caíram e reconduza tantas vezes à vida os que estão quase às portas da morte. Por este título é que aqueles médicos antigos, devido aos seus extraordinários serviços, foram colocados no número dos deuses.

E se dermos fé a Hipócrates, o médico é uma espécie de Deus<sup>54</sup> mortal, sempre do lado dos segredos da natureza.

Mas digamos já adeus aos médicos.

Resta a filosofia activa, que deu origem, em primeiro lugar, à ética e que Cícero parece ter sido o primeiro a chamar moral, visto que modela os costumes e fornece uma norma de vida honesta.<sup>55</sup> *Filosofia Moral*

Esta não foge da luz, não é inerte, nem goza do torpor do ócio, nem é preguiçosamente sedentária, como muitos a acusam, ela que incorre no ódio de tantos, por não lhe ser possível conviver com os vícios humanos. É-lhe odiosa a dissimulação, a feia adulação, as amizades movediças, isto é, as que não são verdadeiras nem constantes, [19, aliás 15] mas se adaptam às circunstâncias e às habituais mudanças de humor.

E porque tem em vista o homem e o conhecimento de nós mesmos, como atesta o γνῶθι σεαυτόν<sup>56</sup> dos gregos, – abrindo assim um caminho infalível à felicidade –, todos devem ter-lhe o máximo de veneration.

Quae suffugium est tutissimum inter optimam conscientiam destitutis et iniquissimam fortunam. Habet enim tolerantiam aequanimitate conditam pro anodyno calamitatum.

*Ius ciuile*

Huius simul et oeconomice soror politica, siue ciuilis scientia est, ex qua tanquam ex fonte uiuo, leges ac caesarea iura oriuntur, ad furentes animi impetus compescendos, turbulentis cupiditatibus obsistendum, motus ratione uacuos, effrenatos comprimendos, ad uulgares animi insolentias, et effrenem denique audaciam moderandam.

Pertinere autem leges ad philosophiam tam sibi persuadere docti homines, ut iam axiomatis loco habeatur.

Et quid aliud nos docet philosophia, quam domitas habere animi libidines, coercere cupiditates, nostra tueri, ab alienis oculos, mentes manusque continere? Haec ubi expressius, quam in legibus?

Fremant omnes, inquit Cicero, dicam quod sentio: bibliothecas mehercle omnium philosophorum unus mihi uidetur Duodecim Tabularum libellus, siquis legum fontes, et capita uiderit, et auctoritatis pondere et utilitatis ubertate superare. Hactenus Cicero.

Iurisprudentia, etsi e mediis philosophiae uisceribus fluxerit, ita tamen ad generis humani commodum excolta et ordinata est, ut non aliter quam secundum eius praecepta esse nobis uiuendum censeamus.

Nam quis status, quae hominum condicio tuta in terris existeret, si leges non regnarent, fueritque humana cupiditas seueritate legum et metu iudiciorum illigata?

Arat propterea apud nos securus arator, uiuentibus legibus, agricola agriculturam exercet, transuehit mercator merces suas, diuersa percurrens maria, quos nemo turbat, nemo uexat.

Quod, si quis ὑπὲρ νόμον repagula iuris effringit, taetra et immania facinora [**18** alias **16**] molitur, aut patibulum aut strictum ferrum neci paratum, aut quoduis aliud supplicium statim praesto est: ἄθρόα πάντ'ἀπέτισε.

Fitque ut, dum singuli supplicia metuunt, sese facilius uniuersi contineant, nec ulla ratione possunt, nisi metu legum saepti sint, uitae officia tueri.

Denique tanta sunt seueritate ipsae leges, ut nec iis quidem qui eas condiderunt, si flagitiose uixissent, ullo unquam pacto pepercissent.

Zaleucus Locrensis, ut suis pareret legibus, ciuium precibus aliqua ex parte uolens satisfacere petentium ut filio suo, pro commisso adulterio condemnando, parceret, uoluit prius suum, deinde filii oculum tollere; talis enim erat legis poena, ut utiumque oculum adulter perderet.

Nela está um abrigo inviolável para os que têm de optar entre uma consciência ilibada e a sorte mais iníqua.<sup>57</sup> No torpor das calamidades, sabe usar da tolerância temperada de benevolência.

Ao lado desta, temos a sua irmã, a economia política ou ciência do *direito civil*, donde provêm, como de fonte viva, as leis e o direito régio, para reprimir os ímpetos desvairados do espírito, oferecer resistência às paixões violentas, refrear os impulsos cegos e à solta, dominar as habituais faltas de moderação do espírito e a audácia sem peias.

*Direito Civil*

De que as leis entravam no âmbito da filosofia, tanto disso estavam persuadidos os homens cultos, que o facto passou a ter o lugar de axioma.

E que nos ensina a filosofia mais que dominar os apetites, reprimir as paixões, defender o que é nosso, retirar os olhos, o pensamento, as mãos das coisas alheias?

Onde virá isto mais claro do que nas leis?

Barafustem todos, afirma Cícero, eu direi o que sinto: sim, para mim, o pequeno livro das *Doze Tábuas*, origem e fundamento das nossas leis, supera, no peso da autoridade e na sua grande utilidade, as bibliotecas de todos os filósofos.<sup>58</sup> Até aqui Cícero.

A jurisprudência, posto que tenha dimanado das entranhas da filosofia, de tal modo foi desenvolvida para vantagem do género humano, que criamos a convicção de que não devemos viver de outro modo, que não seja de harmonia com as suas prescrições.

Efectivamente, que estado, que situação haveria na terra que se dissesse segura, se não reinassem as leis e se a cobiça humana não fosse coarctada pelo rigor das mesmas e pelo medo dos tribunais?

Porque as leis estão em vigor, por isso é que o lavrador, entre nós, lavra com segurança, o agricultor pratica a cultura dos campos, o mercador transporta a sua fazenda, sulcando diversos mares, sem haver quem os perturbe ou maltrate.

E se alguém, ὑπὲρ νόμου,<sup>60</sup> quebra as barreiras do direito<sup>61</sup> e maquina crimes hediondos e cruéis, [18, alias 16] imediatamente estão à mão ou o patíbulo ou a espada desembainhada a postos para matar, ou outro qualquer suplício: ἄθροα πάντ' ἀπέτισε.<sup>62</sup>

E assim acontece que, temendo cada um isoladamente o suplício, é mais fácil para todos conterem-se. Nem, de modo algum podem garantir as suas obrigações diárias, a não ser couraçados pelo medo das leis.

Em suma, são de tal severidade as mesmas leis, que nem sequer aos que as criaram, de qualquer forma poupariam, se eles levassem vida escandalosa.

Zaleuco de Locros, para obedecer às suas leis e pretendendo, por outro lado, atender às súplicas dos cidadãos que lhe pediam perdão para o seu filho que devia ser condenado por adultério, quis arrancar primeiro um olho seu, depois um do filho, pois que a pena da lei era que o adúltero perdesse os dois olhos.

Acrescente-se o memorável feito de L. Bruto: durante o seu consulado, descobrindo que também os seus filhos estavam culpados no repatriamento dos reis, levou-os



Adde et L. Bruti memorabile facinus, qui, cum in consulatu, de reuocandis in urbem regibus, liberos suos etiam in culpa comperisset, eos in forum adduxit et, media contione caesos, securi percute iussit.

Huc etiam illud M. Torquati in Decii Silani filii iudicio, adduci potest, de quo, cum apud illum Macedones prouinciales, quod eis contra ius pecunias extorserat, quererentur, cognita prius causa, et domo sua et patria protinus eum priuauit. Inde filius ob tam grauem patris sententiam, laqueo se suspendit. Vnde carmina:

Καὶ λῆν κείνος γε εἰκότι κείται ὀλέθρῳ  
ὥς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ῥέξοι.

Itaque magistratus ipsi, in imperio iurisdictioneque aliqua constituti, si in reddendo iure male se gesserint, nulla saepe habita differentia, non leuiter puniuntur, ut inde ceteri omnes, qui futuri sunt magistratus, recta facie, quid aequum quidue bonum sit, administrent.

Vnde et Demosthenes orator legem sic definit: lex est cui omnes homines decet oboedire, cum propter multa et uaria, tum maxime quia omnis lex est inuentio et donum Dei, decretum hominum sapientum, delictorum omnium quae sponte uel ignorantia [17] contrahuntur, coertio, ciuitatis autem compositio communis, secundum quam omnes decet uiuere qui in ciuitate sunt.

Equidem humanarum diuinarumque rerum cognitio leges sunt, quod humana sine diuinitatis cognitione tractari nequeant. Hinc factum est ut et gentium legislatores leges suas ad deos retulerint.

Legimus enim Zoroastrum, qui Bactrianis et Persis leges tradidit, in Oromasin retulisse. Trimegistus, qui Aegyptiis retulit, in Mercurium; Charondas Zaleucus, qui Carthaginensibus, in Saturnum. Qui Atheniensibus, Draco et Solon, in Mineruam; in Vestam Zalmoxis, quae tulit Scythis. Denique perfidus ille Mahumet Gabrielem agnoscit legum suarum archetypum.

Haec omnia legum utilitatem, a diuina mente ad humanae uitae cultum defluxisse, comprobant. Cuius rei textus est apertissimus: *C. de Iure Enucleando, L. I, § Sed neque ...*, cuius ecce uerba: quod Principi placuit legis habet uigorem; tanquam si eorum studia, ex nostris principalis constitutionibus profecta, et a nostro fuerint diuino ore profusa.

Est enim legislatoris intentio hominem ducere ad uirtutem, auctore Aristotele, *Ethicorum 2*.

Fuit itaque rebus humanis, hoc caelesti legum munere, diuinitus consultum. Quod quidem praestat ut aliquando metu comprimatur audacia et innocentia sine cura sit.

Quare legibus nihil sanctius, nil utilius, nil naturae hominum accommodatius.

ao foro e, depois de os ter inculcado publicamente, mandou que os matassem à machadada.

Pode também aduzir-se aqui o que se passou com M. Torcato no julgamento do filho Décio Silano: como os habitantes da província da Macedónia lhe fizessem queixa de que aquele, contra o direito, lhes extorquirá dinheiro, este, depois de ter tomado conhecimento do caso, privou-o, sem detença, da casa e da pátria. O filho depois, por causa da severidade da setença paterna, enforcou-se.<sup>63</sup> Daí os versos:

Καὶ λῆν κείνος γε εἰκότι κεῖται ὀλέθρῳ  
ὥς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος ὅς τις τοιαῦτά γε ῥέξει.<sup>64</sup>

Portanto os próprios magistrados investidos em qualquer cargo que implique poder e jurisdição, se na aplicação da justiça se conduzirem mal, não atendendo, por vezes, às circunstâncias, sofrerão não leve castigo, para que todos os outros, que venham a ser magistrados, sirvam depois com rectidão a equidade e o bem.

Daí que Demóstenes, o orador, apresente a seguinte definição de lei:

Lei é aquilo a que é mister todos os homens obedecerem, não só por muitos e variados motivos, mas principalmente porque toda a lei é invenção e dom de Deus, decreto de homens sábios, repressão de todos os delitos cometidos espontaneamente ou por ignorância, [17] ordenação geral da cidade, segundo a qual hão-de viver os que na cidade estão.<sup>65</sup>

As leis são o conhecimento das coisas divinas e humanas, uma vez que os problemas humanos não são susceptíveis de serem tratados sem conhecimento da divindade. Daí a razão por que os legisladores gentios ligavam as suas leis aos deuses.

Assim lemos que Zoroastro, que legislou para bactrianos e persas, o fez em nome de Orómase. Trimegisto, que legislou para os egípcios, fê-lo em nome de Mercúrio. Carondas Zaleuco, que deu leis aos cartagineses, leu-as em nome de Saturno. Draco e Sólon, que legislaram para os atenienses, foi em nome de Minerva que o fizeram. E as leis que Zalmóxis leu aos citas, deu-as em nome de Vesta. Finalmente o pérfido Maomé vê em Gabriel o arquétipo das suas leis.<sup>66</sup>

Tudo isto prova a utilidade das leis provenientes da mente divina, para educação da vida humana. A este respeito há um texto muito claro, o *Código das dificuldades do direito*, L I, § *sed neque*.

Eis as suas palavras: o querer do príncipe tem vigor de lei,<sup>67</sup> como se as suas vontades, tendo por base as nossas principais constituições, proviessem da nossa boca, como duma boca divina.<sup>68</sup>

É portanto intenção do legislador conduzir o homem à virtude, segundo Aristóteles no livro 2.º da *Ética*.<sup>69</sup>

E assim, com esta celeste dádiva das leis, atendeu-se, por mercê divina, aos problemas humanos, o que faz com que, por vezes, o medo seja um freio para a audácia e viva despreocupada a inocência.

Por isso nada mais santo, nem mais útil, nem mais acomodado à natureza humana do que as leis.

*Ius Pontificium* Adde et ius canonicum diuinasque illas sanctiones a summis Pontificibus latas, quae non modo publicam utilitatem, sed animae salutem, ante omnia, spectant.

Nam iura pontificia petulantiam, auaritiam, ambitum compescunt, quibus Deo seruitur ornamentis ostendunt, sacro clero optimum uiuendi modum praebent, in Ecclesiae rebus impetrandis effrenatas cupiditates refrenant, indebita matrimonia prohibent, sanctaque conciliant et, quod omnium sanctissimum est, iniqua uetant cogitata. [18] Ex quibus totius uitae ordo, qualis futurus sit, nascitur, et uitiorum benefactorumque omnium censura inter mortales constituitur. Illud etiam optimum et praeclarum faciunt, quod infidelium errores haereticorum insaniam confutant, refellunt et extinguunt; lapsis et ueniam petentibus quam mitissime poenas irrogent, sacratissimae censurae plane ostendunt.

*Summus Pontifex* Quae omnia, ad medendas animas in Christiana libertate uiuentes, summus Ecclesiae Vicarius docet et custodienda praecipit. Nam constituit illum Deus Optimus Maximus in terris uniuersorum dominum, sacri pontificii ac Summi Sacerdotii certissimum praesidem, pastorem ouium ac dominici gregis uigilantissimum praesulem, cuius in manu est potestas et imperium, cui traditae sunt clauēs regni Caelorum, cui data est facultas animos ligandi et soluendi, cui omnes homines et fideles Christi nationes parere debent. Qui Petri nauiculam, in hoc salo fluctuantis pelagi gubernaturus, hos sanctos canones salubres, omni iniquitate carentes, composuit, dicente Apostolo: lex Domini sancta et mandatum eius iustum, sanctum et bonum. Et Propheta: lex domini immaculata, conuertens animas. Et apud Job: non inuenietis in ore meo iniquitatem, nec in faucibus meis stultitia personabit.

*Sacrossanta Theologia* Accedit iam ultimo illa super creata omnia, super caelos, super uirtutes, super disciplinas, excelsa Dei, quantum fas est homini, reuelata cognitio ipsa, non humanis, sed angelicis praedicanda uocibus, quam nostri theologiam uocant, omnium scientiarum prima, diuinissima et diuinitus, teste Paulo, inspirata, ad quam tersissima liberalium artium studia contendunt. De cuius mirificis laudibus, nunc silendum censuerim potius, ne, si rem adeo grandem et ultra uires attentare uelim, in ipso conatu succumbam. Grandes enim materias, teste Hieronymo, ingenia parua non sustinent.

Nam si uires eloquentissimorum hominum, [19] cum humanam sapientiam laudibus exornare uolunt, rei magnitudine interdum obruuntur, quod orationis genus incredibile atque diuinum erit, quo possit quisquam partem aliquam tantae dignitatis explicare?

Ego uero, quamquam nec ingenio nec exercitatione ualeam, posteaquam semel res tanta a me suscepta est, ne sit maius desidiaē crimen, quam fuit audaciae in suscipiendo, quantum in me situm erit, ne oflicio meo desim, conabor.

Acrescente-se ainda o Direito Canônico e aquelas divinas sanções dadas pelos Sumos Pontífices, que visam não só a utilidade pública, mas, antes de tudo, a salvação da alma.<sup>70</sup>

*Direito  
Pontifício*

O direito pontifício reprime a petulância, a avareza, a ambição, indica os ornamentos do culto divino, fornece ao clero sagrado um excelente modo de vida,<sup>71</sup> modera o desejo desenfreado de obter vantagens eclesiásticas, proíbe os matrimônios ilegítimos, favorece os legítimos e – coisa mais santa de todas – proíbe os pensamentos iníquos. [18] A partir dele nasce a ordem futura de toda a vida e estabelece-se entre os mortais a crítica de todas as acções, más e boas.

Excelente e muito notável é também o seu papel em refutar, desmentir e extinguir os erros dos infiéis, o desvario dos herejes; aos lapsos e arrependidos aplica penas muito brandas, como bem o mostram as santíssimas censuras.<sup>72</sup>

E tudo isto o ensina e manda observar o supremo vigário da Igreja, para curar as almas que vivem na liberdade cristã. Deus Ótimo Máximo constituiu-o na terra senhor de tudo, chefe incontestável do poder pontifício e do Sumo sacerdócio, guarda vigilantíssimo das ovelhas e do rebanho do Senhor, em cujas mãos está o poder e o império, a quem foram confiadas as chaves do reino do céu, a quem foi dado o poder de ligar e desligar os espíritos e a quem todos os homens e nações fiéis a Cristo devem obedecer. Para governar a barca de Pedro nas ondas deste mar agitado, fez estes cânones santos, puros e salutareis, destituídos de toda a iniquidade. Como diz o Apóstolo, a lei do Senhor é santa e os seus preceitos justos, santos e bons.<sup>73</sup> E o Profeta: a lei do Senhor, que converte as almas, é imaculada.<sup>74</sup> E Job: não encontrareis a iniquidade na minha boca, nem a loucura ressoará na minha garganta.<sup>75</sup>

*O Sumo  
Pontífice*

Vem agora, em último lugar, aquela que excede as coisas criadas, os céus, as virtudes, as disciplinas, – aquele mesmo sublime conhecimento de Deus revelado aos homens, quanto é possível, e que devia ser anunciada não com vozes humanas mas angélicas, aquela que os nossos chamam *teologia*, a primeira de todas as ciências, a mais divina e divinamente inspirada no testemunho de S. Paulo.<sup>76</sup> Para ela se dirige o estudo aturado das artes liberais. Sobre o seu admirável louvor eu preferiria agora calar-me, para não acontecer que, pretendendo pôr a mão em assunto tão elevado e para lá das minhas forças, sucumba no próprio esforço. Temas grandiosos, no dizer de S. Jerónimo, não são para inteligências tacanhas.

*Sacrossanta  
Teologia*

Se os dotes dos homens mais eloquentes, [19] quando querem enfeitar com os seus louvores a sabedoria humana, ficam, por vezes, esmagados pela grandeza do empreendimento, que inconcebível e divino estilo oratório haverá, com que se possa expor algo sobre um assunto de tal sublimidade?<sup>77</sup>

Eu, porém, ainda que não tenha valia nem pelo engenho, nem pelo exercício, uma vez que me abalancei a um trabalho de tal magnitude, para não ser maior a «censura» de cobardia do que foi a de audácia ao aceitá-lo, esforçar-me-ei, quanto de mim depende, para não faltar ao meu dever.

Audiamus iam eam, quae nos ab incunabulis fidei, usque ad perfectam ducit aetatem, et per singulos gradus uiuendi praecepta constituens, in nobis Christianis ceteros erudit. Quae ecclesiae Caelestisque Hierusalem spiritualia regna describit, ueram sapientiae disciplinam, resque longe ab humana scientia remotissimas, mentibus nostris inspirat, quas diuinis motibus inflammat.

Illapsus enim quidam diuini numinis ardor adeo in intima praecordia descendit, ut caelum ac terras camposque liquentes, lucentemque globum lunae Titaniaque astra spiritus intus alat, totamque infusa per artus mens agitet molem et magno se corpore fundat.

Quantam gratiam consequeretur, si Triadem illam diuinam graphice ponerem sub oculos!

Non enim licet iam scholasticis floribus ludere et sermone composito contionis aurem mulcere<sup>16</sup> et ad sensumque meum incongrua aptare testimonia.

Sic etiam Maronem sine Christo possimus dicere Christianum quia scripserit:

*Iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna,  
Iam noua progenies caelo demittitur alto.*

Et patrem loquentem ad filium:

*Nate, meae uires, mea magna potentia solus,*

Et post uerba Saluatoris in cruce:

*Talia perstabat memorans fixusque manebat.*

Quasi grande sit, et non uitiosissimum docendi genus, deprauare<sup>17</sup> sententias et ad uoluntatem nostram scripturam trahere repugnantem. Vt ait diuus Hieronymus, quid Apostoli, quid Prophetae censuerint, scire interest: Patrem Aeternum, qui sacerrimae huius disciplinae doctorem Filium indicauit: [20] Hic est, inquit, Filius meus dilectus, ipsum audite! Spiritum illum diuinum qui tandem docuit omnia, et Christum ipsum, huius sapientiae antistitem, quem, ad omnem errorem depellendum atque hominum genus e tenebris uindicandum, e caelis in terras missum, nostra haec sacrossanta theologia celebrat.

Videns enim caelestis ille doctor humanas mentes multis erroribus implicatas et infinitis sceleribus astrictas, diuina motus benignitate, humanam naturam inexplicabili ratione sibi assumpsit, ut, in humano habitu atque forma delitescens, nos a seruitute miserrima, qua oppressi tenebamur, eriperet, et in caelestem libertatem restitueret.

<sup>16</sup> mulcere ] mulgere *omn.*

<sup>17</sup> deprauare ] deprauere *omn.*

Ouçamos agora a que nos conduz do começo da fé à idade perfeita<sup>78</sup> e, impondo preceitos a todas as fases da vida, instrui, por nós cristãos, os outros.

É ela que descreve o reino espiritual da Igreja e da Jerusalém Celeste,<sup>79</sup> inspira à nossa mente a verdadeira doutrina da sabedoria e assuntos os mais inacessíveis à ciência humana,<sup>80</sup> tudo isto inflamado por impulsos divinos. Uma tal irrupção de fogo divino desce ao íntimo do peito, para que um espírito íntimo passe a animar o céu, as terras, as superfícies líquidas, o disco luminoso da lua, os astros grandiosos, e, difundindo-se por todos os pontos, esse espírito-pensamento agite toda a massa, vindo a fundir-se num grande corpo.<sup>81</sup>

Que grande graça eu conseguiria, se me fosse possível pôr-vos diante dos olhos um quadro perfeito daquela Trindade Divina!

Aqui já me não é lícito exercitar-me com flores de retórica e afagar os ouvidos com uma redundante linguagem oratória e adaptar ao meu pensamento textos que não condigam.

Poderíamos, por exemplo, chamar a Virgílio um cristão sem Cristo por ter escrito:

*Já regressa a Virgem, volta o reino de Saturno,  
Uma nova raça desce já do alto do céu.*

E referir ao Pai Eterno em conversa com o Filho:

*Filho, tu só és a minha força, o meu grande poder.*

E como sendo do Salvador na cruz as palavras:

*Continuava a recordar tais coisas e permanecia pregado.<sup>82</sup>*

Como se fosse sistema de ensino notável e não antes muito defeituoso torcer os pensamentos e repuxar aos nossos desejos textos incompatíveis. Como diz S. Jerónimo, interessa conhecer o pensamento dos Apóstolos e dos Profetas, sobre o Pai Eterno que indicou o Filho como mestre desta sacratíssima disciplina dizendo: [20] Este é o meu Filho muito amado, ouvi-o!<sup>83</sup> Sobre aquele Divino Espírito que finalmente ensinou tudo,<sup>84</sup> e sobre o próprio Cristo, antístite desta sabedoria, que a nossa sacrossanta teologia celebra, como descido do céu à terra, para repelir todo o erro e libertar das trevas o género humano.

Efectivamente vendo aquele mestre celestial a inteligência dos homens enredada em muitos erros e presa a pecados sem conta, movido por divina benignidade, assumiu inexplicavelmente a natureza humana, para que, escondendo-se sob o aspecto e forma humana, nos arrebatasse da misérrima escravidão que nos oprimia e nos restituísse à liberdade celeste.<sup>85</sup>

Foi ele que expiou, com o seu sangue, os nossos crimes e extinguiu o império do pestífero inimigo, para finalmente esconjurar a peste das nossas cabeças.

E foi não só por este meio que quis tratar as incuráveis doenças do género humano, mas também mediante esta celeste disciplina e pelo exemplo da sua virtude e santidade divinas. Ele mesmo, com a sua presença, dissipou a fuligem espalhada

Luit quidem ille suo sanguine nostra facinora, pestiferique hostis imperium exstinxit, ut tandem a nostris capitibus pestem propulsaret.

Sed non hac solum ratione insanabiles humani generis aegritudines curare uoluit, sed etiam hac disciplina caelesti, diuinaeque uirtutis atque sanctitatis exemplo. Caliginem enim mentibus nostris offusam ipse excussit, atque docuit quae esset uera et constans uirtutis ratio; nempe quam solum illi possunt colere qui nulla cupiditate impediuntur, nullo motu iracundiae a mentis statu deducuntur, nullius odio aut offensione commouentur, nec, iniuriis prouocati, ullam ultionem machinantur. Qui postremo non hominum rumori inseruiunt, sed ipsa recte factorum conscientia sustentantur. Deinde quod esset illud summum et extremum in bonis demonstrauit: excellens, scilicet, illud praestantissimae mentis numem, quem Deum universique conditorem et opificem ueneramur. Vt enim ignis et aquae reliquarumque rerum omnium, eum finem esse dicimus in quem res ipsae, si nihil obsistat, insita cupiditate feruntur, sic etiam hominis finis Deus est, quem, natura duce, prosequimur et cuius, qui fuerint participes, erunt in omni generi iocunditatis beatissimi.

Postremo docuit quibus ornamentis esset animus excolendus et quibus gradibus in caelum ascenderemus, [12 alias 21] ubi lucem illam diuinam perpetuo contemplantes, uita beatissima florente atque felice, omni genere mali uacante et omnibus bonis affluente, perpetuo frueremur.

Vbi Deum in solio suae maiestatis sedentem contemplabimur; uidebimus et mira omnipotentis Dei quae, secundum Apostolum, non licet homini loqui; uidebimus quae in caelo et quae sub caelo sunt, nam, ut ait Augustinus, quid est quod eius aspectus fugiat qui uidebit uidentem omnia?

Hoc doctus Plato nesciuit, hoc Demosthenes eloquens ignorauit; abscondit enim haec Deus arcana a sapientibus et prudentibus huius saeculi, quae erat paruulis quandoque reuelaturus. Haec enim est sapientia quam loquitur Paulus inter perfectos, non saeculi huius quae destruitur, sed Dei in mysterio absconditam, quam praedestinauit ante saecula, quae Ecclesiam iungit et Christum sanctarumque nuptiarum dulce canit epithalamium.

Qui uero alienos quaerunt amores facessant hinc ocius et aufugiant. Procul hinc, procul estote profani! Sacer est locus, extra me ite! Non hic uobis canitur, non Veneris ista sunt carmina, non sunt hic Adonidis horti, quos quaeritis. Vobis canat uestra Venus, ad uestras abite Sirenes, quae uos in Syrtim trahant atque Charybdim. Vos uestra Circaea ebibite pocula, quibus in belluarum monstra transformemini. Vobis hic canitur solus Iesus Saluator, ideoque languentis animi medicina est, omnem animorum cupiditatem a rebus abstrahens humanis.

Ostendit enim nihil esse in terris summopere metuendum: non mortem, quae corpori tantum interitum affert, animum autem non attingit; non orbitatem, non reliqua huiusmodi mala, quae, si corpori officiant, opes

nas nossas inteligências e ensinou o verdadeiro e constante fundamento da virtude, que só pode ser cultivada por aqueles a quem nenhuma paixão estorva, nenhum acesso de ira perturba o raciocínio, que não se deixam agitar pelo ódio ou pelas ofensas de quem quer que seja, nem planeiam qualquer vingança quando os injuriam. Estes, em suma, não se preocupam com o ruído dos homens, mas sustenta-os a própria consciência do bem.

Ensinou depois qual era o sumo e último dos bens, a saber, aquele Nume superior, de altíssima inteligência a quem veneramos como Deus, criador e arquitecto do universo. Assim como dizemos que o fim do fogo, da água e de todas as outras coisas é aquele ao qual essas próprias coisas, se nada se opõe, são atraídas por uma tendência inata, assim também o fim do homem é Deus a quem buscamos guiados pela natureza, e do qual os que vierem a ser participantes receberão a maior felicidade, mediante toda a espécie de venturas.

Por último ensinou com que adornos deve embelezar-se a alma e por que degraus subiríamos ao céu, [12, aliás 21] onde, contemplando perpetuamente aquela luz divina, gozásemos duma vida felicíssima, bela e fecunda, livres de toda a espécie de males e repletos, para sempre, de todos os bens.

Lá contemplaremos Deus sentado no sólio da sua majestade; veremos também as maravilhas da sua onnipotência, maravilhas que, no dizer do Apóstolo,<sup>86</sup> o homem não tem possibilidade de exprimir; veremos o que está no céu e debaixo do céu, pois, como diz Santo Agostinho, o que há que escape à vista daquele que vir O que vê tudo?<sup>87</sup>

Isto desconheceu-o a ciência de Platão, isto ignorou-o a eloquência de Demóstenes.<sup>88</sup> Deus escondeu dos sábios e prudentes deste mundo estes mistérios, que havia de revelar um dia aos seus pequeninos.<sup>89</sup>

É desta sabedoria que fala S. Paulo aos cristãos, não da sabedoria deste mundo que desaparece, mas da que está escondida no mistério de Deus e que ele predestinou antes dos séculos, a qual une a Igreja a Cristo e canta o suave epitalâmio dessas núpcias santas.<sup>90</sup>

Afastem-se já daqui e fujam os que buscam outros amores. Longe daqui profanos, longe! Este lugar é sagrado, deixai-o. Aqui não se canta para vós. Não são estes os hinos de Vénus, não são aqui os jardins de Adónis<sup>91</sup> que procurais. Cante-vos a vossa Vénus, ide-vos para as vossas sereias, que vos atraíam a Sirte e Caríbdis.<sup>92</sup> Esgotai vossas circeias beberagens<sup>93</sup> que vos transformem em monstruosos animais. Aqui ressoa apenas para nós a voz de Jesus Salvador, medicina da alma enferma,<sup>94</sup> e que afasta das coisas humanas todo o impulso do espírito.

Efectivamente mostra que nada há na terra que se deva temer mais: nem a morte que só traz a destruição do corpo, mas não atinge a alma, nem a orfandade, nem outros males idênticos que, se prejudicam o corpo, não podem todavia abalar os recursos da alma imortal. Dispõe também para a caridade, beneficência e moderação de espírito.



tamen animi immortalis labefactare nequunt. Instruit etiam ad caritatem, beneficentiam ac animi moderationem.

Quae omnia, cum in intimis hominum sensibus adfigat, ad spem gloriae immortalis mortales auditores erigit, studioque diuinitatis ad religionem et honestatis officia erudit et inflammat ac ultra uires confirmat, quibus, ea quae docet, perfici constanter possint. Et quamuis mortem carnis [22] doceat, non id significat expetendam esse animae solutionem a corpore antequam praestitutum a Deo tempus aduenerit, sed debere unumquemque animum ab hac mole corporea et uitiiis hinc inde scaturientibus surrigere et, quantum fieri potest, omni contagione carnis sequestrata, in sola profundissimarum rerum contemplatione uersari.

Huic subscribit sententiae Macrobius in *Scipionis somnium*, qui bipartitam hanc mortis diuisionem refert, ut altera natura accidat, altera ex uirtute proficiscatur. Ad hoc et illud Pauli: cupio dissolui et esse cum Christo. Ad haec etiam pertinent quae scribit Aurelius Augustinus in libro de *Vera Religione*: Platonem siquidem, refert, hortari solitum adolescentes suos, ut a Venereis uoluptatibus abstinerent persuasissimumque haberent ueritatem non corporeis oculis aut sensu aliquo, sed sola mentis puritate uideri. Ad quam percipiendam nihil magis impedimento esse, quam uitam libidini deditam, et falsas imagines rerum sensibilium quae nobis per corpus imprimuntur.

Cernitis me, auditores humanissimi, diuinae theologiae amore raptum, excessisse modum orationis, et tamen non implesse quod uolui. Sed quoniam e scopulosis locis enauigauit oratio et, inter canas spumeis fluctibus cauteis, fragilis in altum cymba processit, doctrinarum scopulis transuadatis, alio iam uela torqueamus. Precor tamen ueritatis euangelicae amantissimos, ut eam sincera fide et honestis uirtutum officiis excolant.

Audiuimus, studiosi adolescentes, quid nosse, quid cupere debeamus. Id hactenus elaborauit ut philosophiae partes ederem, quarum disciplinis assuefacti homines et exculi, efficacissimo medicamento gaudent, quo et animorum morbos curant, et nomen, quod una cum corporibus delesset uetustas, immortalitati tradunt; quarum, qui se muneribus insinuat, statim faciunt Iouis filium felici sidere natum atque, multiplice uirtute, aurea saecula referentem. Quarum suauitate allecti, tandem sophi illi ueteres diminutas hominum aetates exsecrabantur.

[23]Vnde et Socrates, cuius morte in philosophiam peccarunt homines, uicina morte id fatebatur: hoc tantum scio quod nescio. Et sapiens ille Themistocles, cum expletis centum et septem annis, se mori cerneret, dixisse fertur se dolere quod tunc egrederetur e uita quando sapere coepisset. Princeps ingenii et doctrinae Plato, octogesimo primo anno scribens mortuus est. Isocrates nonaginta et nouem annos indicendi scribendique labore compleuit. Et Cato ille Censorius, uir sapientissimus, iam senex, Graecas litteras discere non erubuit.

E gravando tudo isto no íntimo do coração humano, levanta os ouvintes à esperança da glória imortal e, dando-lhes a conhecer a divindade, instrui-os e inflama-os na religião e na virtude e, além disso, robustece-lhes as forças, de forma a poderem constantemente pôr em prática o que é ensinado. E embora fale da morte do corpo, [22] isso não quer dizer que se deva desejar a sua separação da alma antes que chegue o tempo marcado por Deus, mas que cada um deve levantar o espírito acima desta massa corpórea e dos vícios que daqui dimanam e, afastado quanto pode ser todo o contágio carnal, ocupar-se só na contemplação das coisas mais altas.

A este pensamento adere Macróbio no *Sonho de Cipião*; fala da divisão bipartida da morte: uma que vem da natureza, outra que parte da virtude.<sup>95</sup> A este propósito vem ainda aquela frase de S. Paulo: desejo ardentemente soltar-me do corpo e estar com Cristo.<sup>96</sup> A isto se ligam também as palavras de Aurélio Agostinho no livro *Da Verdadeira Religião*: refere que Platão tinha por costume exortar os seus jovens a absterem-se dos prazeres venéreos e que estivessem plenamente persuadidos de que a verdade não é acessível aos olhos do corpo ou a outro sentido qualquer, mas só ao espírito puro. Para a apreender não havia maior impedimento do que uma vida dada à luxúria e as falsas imagens das coisas sensíveis que, mediante corpo, se gravam em nós.<sup>97</sup>

Vedes, cultíssimos ouvintes, que eu, arrebatado pelo amor da divina teologia, ultrapassei a medida oratória e que todavia não realizei o que pretendia.<sup>98</sup> Mas já que a minha oração se escapou de lugares cheios de escolhos e, por entre rochas brancas da espuma das ondas, a frágil canoa avançou para o alto mar depois de ter deixado ao largo os escolhos doutrinários,<sup>99</sup> voltemos já as velas noutra direcção. Suplico todavia aos que tanto amam a verdade evangélica, que a honrem com uma fé sincera e com as honestas homenagens da virtude.

Ouvimos, juventude estudiosa, o que devemos conhecer e desejar,<sup>100</sup> trabalho que eu elaborei somente para apresentar as divisões da filosofia. Aqueles que a ela se habituam e a aprendem, gozam dum medicamento muito eficaz com que não apenas curam as doenças da alma, mas também transmitem à imortalidade um nome que a velhice teria destruído juntamente com o corpo. Quem se inicia nos seus dons é constituído imediatamente filho de Zeus, nascido sob o signo duma estrela favorável e traz, de novo, pelo seu incalculável valor, a idade de ouro. Atraídos pela sua doçura é que aqueles antigos sábios dirigiam imprecações contra a brevidade da vida humana.

[23] Eis porque Sócrates, com cuja morte os homens pecaram contra a filosofia,<sup>101</sup> ao avizinhar-se aquela, confessava: uma coisa somente sei, é que não sei.<sup>102</sup> E diz-se que o sábio Temístocles, ao pressentir que ia morrer, depois de ter completado cento e sete anos, afirmava que sentia pena de deixar a vida na ocasião em que começava a ter gosto de saber.<sup>103</sup> Platão, príncipe do talento e do saber, morreu aos oitenta e um anos, a escrever. Isócrates completou noventa e nove anos no trabalho de ditar e escrever.<sup>104</sup> E Catão o Censor, homem sapientíssimo, não sentiu desdouro de aprender, já velho, o grego.<sup>105</sup>

Taceo multos philosophos, Pythagoram, Democritum, Xenocratem, Zenonem, qui, iam aetate longaeua, in philosophiae studiis floruerunt. Etiam plurimum laudatur Cleanthes, qui, cum philosophiae siti arderet, nec sibi unde uictus suppeditaretur esset, noctu ad hauriendam aquam operam locabat suam, ut interdiu Chrysippi praeceptis uacare posset.

Proinde nec ignobilis auctor Vitruuius maximas parentibus gratias agit, qui illum ingenue educandum instituendumque censuissent. Alexander quoque Magnus, uir discendi et legendi cupidus, Philippo patri gratias agebat quod eum uoluerit Aristoteli tradere instituendum, a quo bene uiuendi rationem se assequutum gloriatur. Seneca porro, seuerissimus morum castigator, ad philosophiam confugiendum monet, quod eiusmodi litterae, non apud bonos modo, sed et apud mediocriter malos infularum loco sunt.

Scitum quoque Luciani<sup>18</sup> illud, uelut ex oraculo euulgatum, philosophicis mysteriis non initiatos in tenebris saltare.

Quid praeter seria philosophiae studia, Aristotelem, summum peripateticorum principem, naturalium rerum consecratorem et solertissimum indagatorem adeo extulit, fecitque omnium in manibus haberi et mordicus teneri? Qui, ex nobili lectionis multiugae uariantisque cura, a Platone, ut refert Caelius in *Antiquis Lectionibus*, ἀναγνώστης nuncupatus fuit, tanquam lector foret infatigabilis et χαλκύτερος plane, ut etiam Graeci dicunt, ac sititor inexplebilis.

[42 alias 24] Hic porro philosophiam tanto studio amplexabatur, ut dicere non dubitaret eos, qui artes reliquas consecrarentur, hanc uero negligerent, esse Penelopes procis consimiles, qui, ut traditum ab Homero nouimus, cum domina potiri nequissent, ad ancillas diuertebant. Hos inuenisse, iuxta uestibulum atrii Vlysses, Minerua, his uersibus affirmat ipse Homerus:

Εὔρε δ' ἄρα μνηστῆρας ἀγήνορας· οἱ μὲν ἔπειτα  
πεσοῖσι προπάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον,  
ἤμενοι ἐν ῥινοῖσι βῶων, οὓς ἔκτανον αὐτοί·

Felix demum ille habendus est qui ingenio, non ad quaestum et libidinem abutitur, sed qui rerum potuit cognoscere causas et cuius mens, hoc diuino contemplationis pabulo, quasi quodam nectare et ambrosia, alitur. Quid enim aliud est deorum interesse conuiuuiis, quam diuinis philosophiae opibus, quae epulae sunt mentis et cogitationis, abundare? Cui qui indulserit, elementorum compaginem, terrae stabilimentum, rationem et symmetriam illarum quae ex aeris meditullio securas hominum mentes irruptione sollicitant, consequetur. Animae uim et ingenium mundi artificem, caelestium mentium satellitio constipatum, intuebitur. Iocunditatem denique illam sentiet quae percipitur

<sup>18</sup> Luciani ] Lusitani *PE* Lusitani *CL*

Passo em silêncio muitos filósofos, como Pitágoras, Demócrito, Xenofonte, Zenão, que se notabilizaram no estudo da filosofia em idade já avançada.<sup>106</sup> Igualmente é muito digno de louvor Cleantes que, ardendo no desejo de aprender filosofia e não tendo recursos com que se sustentar, se empregava a tirar água de noite,<sup>107</sup> para, durante o dia, poder assistir às lições de Crisipo.

Também o conhecido autor Vitrúvio agradecia muito aos pais, porque tinham pensado em educá-lo e instruí-lo nas artes liberais.<sup>108</sup> E Alexandre Magno, homem apaixonado pela aprendizagem e pela leitura, agradecia a Filipe, seu pai, por ter querido confiá-lo, como aluno, a Aristóteles, de quem se gloriava ter recebido o modo de bem viver.<sup>109</sup>

E ainda Séneca, moralista de grande austeridade, lembra que nos devemos refugiar na filosofia, pois que ela faz as vezes dum belo enfeite não só para os bons, mas também para aqueles em que há algo de mal.

Conhece-se também aquele pensamento de Luciano, divulgado como se dum oráculo proviesse: que os não iniciados nos mistérios filosóficos dançam nas trevas.<sup>110</sup>

E o que foi que, além dum profundo estudo da filosofia, elevou tanto Aristóteles, o grande príncipe dos peripatéticos, pesquisador dos fenómenos naturais e diligentíssimo investigador, e o fez andar de mão em mão, prendendo-se tenazmente a todas? Ele, que, devido à sua famosa preocupação de ministrar lições variadas e variáveis, recebeu de Platão, como refere Célio nas *Lições Antigas*, o nome de ἀναγνώστης, como se fosse um leitor infatigável e, com pleno acerto, χαλκεύτερος, como os gregos também dizem, além de dotado de um insaciável desejo de saber.

[42, aliás 24] Efectivamente applicava-se à filosofia com tanto interesse, que não duvidava dizer que os que se dedicavam às outras artes e desprezavam esta, eram semelhantes aos pretendentes de Penélope, que, como nos transmite Homero, não podendo apoderar-se da senhora, se voltavam para as escravas.<sup>111</sup> Minerva: encontrara-os junto do vestibulo da casa de Ulisses, como afirma Homero nestes versos:

Εὖρε δ' ἄρα μνηστήρας ἀγήνορας· οἱ μὲν ἔπειτα  
πεσοῖσι προπάροιθε θυράων θυμὸν ἔτερπον,  
ἦμενοι ἐν ῥίνοισι βοῶν, οὓς ἔκτανον αὐτοί.<sup>112</sup>

Em resumo: devemos considerar feliz, não aquele que usa a inteligência para enriquecer ou dar-se à devassidão, mas o que pode conhecer as causa das coisas e cujo espírito se sustenta com este divino alimento da contemplação, como se fosse néctar ou ambrosia.<sup>113</sup> Pois que outra coisa é assistir aos convívios dos deuses do que ter em abundância os divinos recursos da filosofia, que são o alimento da alma e do pensamento? Quem a ela se aplicar, compreenderá a conexão dos elementos, a firmeza da terra, a razão e simetria daqueles fenómenos que, irrompendo do meio do espaço, chamam a atenção do tranquilo pensamento humano. Contemplará o poder do espírito e a inteligência criadora do mundo, rodeada duma escolta de espíritos celestes. Por fim sentirá aquele encanto que comunica o próprio aspecto

ex ipsa caeli reidentis facie, admirabili specie, et pulchritudine siderum, immutabili constantia, in omni aetate, conseruantium.

Qua quidem notitia nihil utilius, an humanae naturae conuenientius, inueniri potest. Nam si natura pulchritudinem amamus, nihil cernere possumus hac tam excellenti mundi specie pulchrius, si uoluptas omnes mortales allicit, nullae uoluptates sunt cum iis quae mente ex notitia rerum capiuntur, ulla ex parte, conferendae, si tranquillus animi status est ardentem expetendus, nihil est quod maiorem uim habeat ad animi constantiam comparandam.

Is enim qui diuinarum [25] rerum pulchritudinem amare coeperit, nunquam, humanarum uoluptate captus, ullum scelus admittet, nec aliquid in uita suscipiet in quod humilitatis aut inconstantiae aut turpitudinis suspicio conuenire possit.

Siquidem humilitati repugnat naturae amplitudo, inconstantiae rati ac aequabiles siderum cursus, totiusque caelestis naturae firmitas, turpitudini uero tam magnifici operis decus et ornamentum. Quare, ex iis studiis praeclarissimis, efflorescat tandem necesse est pietas atque iustitia et reliquae uirtutes quibus humani animi excoluntur et ad diuinae mentis similitudinem accedunt.

Quo bono allectus Alexander ille Magnus momenti non minus ponebat in bonarum philosophiae artium cognitione, quam in tanto eius imperio, quo maximam orbis terrarum partem occupauerat. Vnde suarum expeditionum comites et commilitones semper habuit tum praeclaros philosophos, tum praeclarissimorum auctorum codices, quibus omne ab armis otiosum tempus impenderet; quo certe sibi celebre ac sempiternum nomen peperit.

*Inuictissimus  
Rex noster  
Ioannes  
tertius*

Quantum igitur manet trophaeum inuictissimo Portugaliae regi Ioanni tertio, quam iusta praeconia, quam uerae ac germanae laudes! Qui philosophiae iam paene sepultam cognitionem ab inferis quodammodo excitauit, barbariem expulit et profligauit omnemquem humanitatem, quasi e caelo petitam, in domos induxit, quando Lusitaniam, bonarum artium rudem, omnibus disciplinis instruendam curauit.

O Lusitania felix, tanto principe digna, per quam domita est inimicorum Christi et persecutorum Ecclesiae temeritas et insania, aucta et amplificata orthodoxae fidei Christianaeque religionis dignitas! Quae omnia, non sine diuino Sanctissimae Triadis consilio, a piissimo rege sunt effecta, qui terras Ecclesiae ab infidelibus tyrannide occupatas, in dies expugnat et Romano eas restituit Tribunali, quae illum iam suum Regem agnoscunt, et principem ad mortales iuuandos natum profitentur. Quae omnia non modo nobis nota sunt, sed et aliis quoque nationibus longinquis, quibus [26] ille iuste atque legitime imperat.

Qui rursus, post tot deuictas gentes, reportatis inde non incruentis uictoriis, post Christianae religionis longe lateque apud Indos propagatam

do céu brilhante, com a sua apresentação admirável e com a beleza dos astros que, devido a uma constância imutável, conservam, em todo o tempo, movimentos certos e uniformes.

E nada de mais útil ou de mais conveniente à natureza humana pode encontrar-se, do que este conhecimento. Se amamos o belo por natureza, nada podemos ver mais belo do que este tão excelente aspecto do mundo; se o prazer atrai todos os mortais, nenhum prazer é comparável, sob qualquer aspecto, com aquele que o espírito recebe do conhecimento das coisas; se é muito de procurar um estado de alma tranquilo, nada há que maior poder tenha para adquirir essa calma de espírito.

Aquele que começou [25] a amar a beleza das coisas divinas, nunca o prazer das humanas o poderá seduzir, levando-o a cometer qualquer acção má, nem a aceitar algo, na vida, em que possa convergir suspeita de pequenez, de inconstância ou de torpeza. É que à pequenez repugna a vastidão da natureza, à inconstância as calculadas e constantes órbitas siderais e a estabilidade de todo o mundo celeste, à torpeza o adorno e asseio de tão magnífica obra.

Eis porque é forçoso que, de tão notabilíssimas ocupações, saia, por fim, a flor da piedade, da justiça e das restantes virtudes que embelezam a alma humana e a aproximam da semelhança com a mente divina.

Atraído por este bem, o célebre Alexandre Magno não punha menos interesse no conhecimento das artes liberais da filosofia, do que no seu império tão grande, que ocupava a maior parte da terra.<sup>114</sup> Eis porque teve sempre, como companheiros das suas expedições e camaradas de armas, não só ilustres filósofos, mas também os códices de autores de grande nome, com quem dispendia todo o tempo de lazer que as armas lhe deixavam. Assim granjeou incontestavelmente um nome célebre e imorredoiro.<sup>115</sup>

Que grande troféu está então reservado a D. João III, invictíssimo rei de Portugal, quão justos panegíricos, quão verdadeiros e legítimos louvores! Foi ele que, de algum modo, fez sair das profundezas, onde estava quase sepultado, o estudo da filosofia, expulsou e destruiu a ignorância e abriu as portas a toda a cultura, pedida como que ao céu,<sup>116</sup> quando cuidou de instruir a inculta Lusitânia em todos as disciplinas das artes liberais.

Ó Lusitânia feliz, digna de um tão grande Príncipe, por quem foi subjugada a audácia e a loucura dos inimigos de Cristo e dos perseguidores da Igreja, aumentada e amplificada a glória da fé ortodoxa e da religião cristã! E tudo isto levado a cabo pelo Rei Piedosíssimo, não sem um divino desígnio da Santíssima Trindade.

É ele quem subjuga, dia a dia, as terras da Igreja ocupadas pela tirania dos infiéis e restitui à cátedra de Roma aquelas que já o conhecem como seu rei, e vêem nele o Príncipe que nasceu para ajudar os mortais.

Tudo isto é, não só do nosso conhecimento, mas também do de outras terras longínquas, em que [26] ele justa e legitimamente exerce o poder.

E agora, depois de vencidos tantos povos, não sem vitórias sangrentas, depois de propagada, na Índia, ao longe e ao largo, a religião cristã, depois de subjugado

*O nosso  
invictíssimo  
D. João III*

persuasionem, post expugnata Mauritaniae litora, tam multis erectis trophaeis iustis triumphis, nondum tamen ad felicitatis summam suam peruenisse Lusitaniam ratus, addit ultimam manum: inducit ad umbilicos opus, dum eam omnibus litterarum ornamentis ornat et illustrat. Qui pietatis et sapientiae studio flagrans, inclitum hoc Conimbricense Lyceum, uniuersi terrarum orbis florentissimum, instituit, superbia et insignia collegia erexit, tum re ipsa honorifica, tum didactro et priuilegiis neutiquam paenitenda.

Vbi innumeris positus musarum sedibus, praeceptores doctissimos est magnis congiariis, amplissimisque muneribus prosecutus. Nec contentus ista tam rara munificentia, magnificentissimus Rex addidit insuper opima beneficia aliaque emolumenta, quibus donati emeriti professores disciplinarum queant in posterum securam et tranquillam agere uitam.

Quem pium Regis conatum et sanctam liberalitatem summis laudibus dignam iudicans et comprobans, Sanctissimus Papa Paulus tertius, e suo ipso sacro gazophilacio, immensa spiritualia dona et praerogatiuas adiecit.

*D. Emmanuel  
a Menesio  
Rector*

Quae omnia, ut in suo loco apte, conuenienter et condigne distribuerentur te, illustrissime Rector, oeconomon et dispensatorem statuerunt nostri classici auctores, cuius nutu et consiliis tota litteraria Republica constitueretur. Nouerant siquidem te uiri omnigena eruditione instructissimi, optimum esse iuris pontificii specimen, nouerant admirandam tuarum uirtutum amplitudinem, pulcherrimasque animi dotes, quibus nos sapienter instrues et moderaberis. Nam cum uirtutibus humanitatis, nobilitatis, liberalitatis, prudentiae, integritatis et constantiae mirabiliter ornatus sis, tum illud est in tuis moribus amplissimum, quod omnia uitae consilia pietate et religione Christiana [27] metiris.

*Conimbrica*

Optimo autem consilio, Rex Prudentissimus suam hic Academiam instituit, in urbe amoenissima et opulentissima. Par enim erat Conimbricam, cum primis in Lusitania urbem antiquam, antiquissimis etiam ornamentis, utpote litteris, exornari et cineres Alphonsi Regis fortunatissimi, cui optimam Portugaliae partem debemus, litterarum claritate nobilitari et splendescere.

Huic enim urbi, tanquam Pandore, dii omnes, ut poetice loquar, singuli bona singula dono dederunt, cui nihil deest, quod ad humanam conferat felicitatem. Nam et rerum abundantia, fertilitate, aeris temperie, pulchritudine praestat; agris etiam et campis latissime patet, Munda, nobili fluuio, alluitur, eminet saluberrimis collibus, uiget hortorum amoenitate, nec feruentiori aestu flagrat, nec pluuiis exundat, nec gelu riget, sed medium quoddam est assequuta.

Non desunt circum circa prata omni tempore uirentia, non siluae tot arboribus consitae, ubi apri, cerui, damae, lacus et fontes garritibus auium celebrati, uineta quoque cum oliuetis et amoenissima pomaria reperiuntur.

Quid aedificia magnifice structa et Deorum templa referam, quae cum ipsa uetustate non modo contendunt, sed eandem etiam superant?

o litoral da Mauritània, com tantos troféus erguidos a seus justos triunfos, pensando que a sua Lusitânia não chegara todavia ao máximo da felicidade, acrescenta-lhe uma última demão: leva o trabalho ao fim, adornando-a e celebrizando-a com todos os enfeites das letras. Ardendo no amor da virtude e da sabedoria, fundou esta Universidade de Coimbra, a mais florescente de todo o mundo, levantou notáveis colégios que, quer pelas honrarias, quer pelos honorários e privilégios de que os dotou, jamais lhe serão motivo de pesar. Ali fez assentar arraiais às inumeráveis musas e cumulou os doutíssimos mestres de grandes remunerações e amplíssimas mercês. E não contente com uma tão rara liberalidade, o rei magnificéntíssimo acrescentou-lhe pingues benefícios e outros emolumentos, que dão aos eméritos professores das várias disciplinas a possibilidade, de, no futuro, levarem uma vida calma e tranqüila.

Julgando digno dos maiores louvores e aprovando este piedoso empenho e santa liberalidade do Rei, o Santíssimo Papa Paulo III somou-lhe, do seu tesouro sagrado,<sup>117</sup> imensos dons espirituais e prerrogativas.

E para que tudo fosse distribuído apta, conveniente e condignamente, cada coisa no seu lugar, os nossos sábios mestres constituíram-vos, Ilustríssimo Reitor, ecónomo e superintendente, a cujo aceno e deliberações fosse organizada toda a república literária.

*D. Manuel  
de Meneses,  
Reitor*

Sabiam bem esses homens dotados duma enciclopédica erudição que vós ereis um excelente modelo de direito pontifício; conheciam a admirável extensão das vossas virtudes e os encantadores dotes do vosso espírito, com que sabiamente nos instruireis e governareis. Tendo como admirável adorno as virtudes da benevolência, nobreza, liberalidade, prudência, honestidade e constância, numa coisa todavia se agiganta sobremodo o vosso carácter: em pautar todos os projectos da vossa vida pela piedade e religião [27] cristãs.

Muito bem avisado andou também o rei prudentíssimo em estabelecer a sua Academia aqui, numa cidade tão amena e opulenta.

*Coimbra*

Era justo na verdade que Coimbra, cidade antiga entre as primeiras de Portugal, fosse ataviada com os mais antigos adornos, como são as letras, e que as cinzas do venturosíssimo rei Afonso, a quem devemos a melhor parte de Portugal, recebessem, do brilho delas, glória e esplendor.

Para falar em linguagem poética, a esta cidade, qual Pandora,<sup>118</sup> todos os deuses ofertaram de presente a sua dádiva, nada lhe faltando daquilo que contribui para a felicidade humana. Destaca-se pela abundância de géneros, fertilidade, doçura de clima e beleza. Tem grande extensão de campos e planícies, é irrigada pelo célebre Mondego;<sup>119</sup> sobressai pela salubridade das suas colinas e pelo viço e encanto dos jardins; não a queima o calor demasiado, não a inundam as chuvas, não a endurece o gelo, mas está num meio termo.

Não lhe minguem em redor prados verdejantes em todo o tempo, bosques com toda a espécie de árvores, onde há javalis, veados, corças. Tem lagos e fontes frequentadas pelo chilreio das aves, tem vinhas, olivais e pomares muito aprazíveis.



At iam nos uocat operis coronis, iam in iocundissimam incidimus catastrophem!

Philosophia quidem nihil praeclarius, ad laudem nihil illustrius, ad uirtutem et gloriam consequendam nihil aptius, nihil denique, si opes petantur ad communis usus necessitatem, utilius; quae immortalitatis gloria suos cultores remuneratur.

Qui igitur laudem, qui dignitatem, qui gloriam quaerit in studium philosophiae ardentissime incumbat; ueram iustitiam, absolutam [28] liberalitatem et perfectam animi moderationem amplectatur eamque fortitudinem retineat cui adiunctum est sapientiae decus et amplitudo. Quid enim aliud est in uita constans, excelsum atque magnificum? Quid non potius fluxum, demissum et turpiter abiectum?

Siue enim diuitiarum inconstantiam respiciamus, siue honoris et humanae gloriae leuitatem, siue quemdam fucatum generis et nobilitatis splendorem, siue postremo humanae uirtutis speciem simulatam atque fallacem, nihil reperiemus quod mentem ualeat explere, aut animum uoluptate diuturna possit allicere. Omnia namque sunt angusta, fluxa, mortalia, erroris atque inanitatis plenissima. Sola litterarum ornamenta ampla sunt, augusta, diuina, immortalia, quae nulla unquam uis eripiet, nulla uetustas obliuione obruet, nulla calamitas extinguet.

DIXI

E porque hei-de referir-me aos magníficos edifícios e aos templos divinos, que não só não rivalizam com a antiguidade, mas ainda a excedem?

Mas já o sinal de acabar nos despertou; já chegámos ao tão almejado fim. Na verdade, nada mais notável do que a filosofia, nada mais brilhante para alcançar celebridade, nada mais apto para adquirir a virtude e a glória e finalmente, se se exigem disponibilidades para as exigências do dia-a-dia, nada mais útil. Ela recompensa os que a cultivam com a glória da imortalidade.

Quem pois busque renome, consideração, glória, aplique-se com todo o afinco, ao estudo da filosofia, abrace a verdadeira justiça, a liberalidade sem peias e uma perfeita moderação de espírito, e conserve aquela firmeza a que anda ligado o decoro e a amplitude da sabedoria. Pois o que há na vida que seja constante, elevado e magnífico e não antes passageiro, baixo e vergonhosamente objecto?

Quer olhemos para a mobilidade da riqueza ou da honra e para a futilidade da glória humana, quer para essa espécie de brilho postiço da ascendência e da nobreza, quer, por fim, para a simulada e falaz aparência de valor humano, nada encontraremos que possa encher a alma, ou seduzi-la com um prazer duradouro. Todas as coisas, com efeito, são limitadas, passageiras, mortais, repletas de erro e de futilidade. Só a glória das letras é grande, augusta, divina, imortal; nenhuma violência a arrebatará, o tempo, por mais longo, não a lançará ao esquecimento, desgraça alguma a fará desaparecer.

DISSE.